

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

FUTEBOL À LUZ DA GEOGRAFIA - O ESPORTE ALÉM DAS 4 LINHAS

JOÃO PAULO BRUBACHER

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Brubacher, João Paulo
FUTEBOL À LUZ DA GEOGRAFIA - O ESPORTE ALÉM DAS 4
LINHAS / João Paulo Brubacher. -- 2018.
52 f.
Orientador: Nestor André Kaercher.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2018.

1. Geografia. 2. Futebol. 3. Escola. I. Kaercher,
Nestor André, orient. II. Título.

JOÃO PAULO BRUBACHER

FUTEBOL À LUZ DA GEOGRAFIA - O ESPORTE ALÉM DAS 4 LINHAS

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de monografia, apresentado ao curso de Geografia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre

2018

JOÃO PAULO BRUBACHER

FUTEBOL À LUZ DA GEOGRAFIA - O ESPORTE ALÉM DAS 4 LINHAS

Trabalho de Conclusão de Curso, em forma de monografia, apresentado ao curso de Geografia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Rego - UFRGS

Prof. Me. Victor Hugo Nedel - UFRGS

Porto Alegre

2018

RESUMO

O futebol possui um papel de destaque na sociedade brasileira. Sendo que o Brasil já foi considerado, por diversas vezes, o país do futebol, devido a importância que esse esporte adquiriu ao longo do tempo, as conquistas da seleção brasileira e o uso midiático. Considerando essa situação e tendo em vista a abrangência e relevância desse esporte, não só no Brasil, mas no mundo, surgiu a ideia que o mesmo pudesse ser utilizado como ponto de partida para uma série de assuntos a ser tratados em uma aula de Geografia. Dessa forma, o principal objetivo desse trabalho foi analisar as relações entre futebol e Geografia, estabelecendo maneiras de abordar aspectos de economia e sociedade, comparando com a realidade do futebol em todo o país, de modo a propor uma discussão das possibilidades de tratar esses temas em sala de aula. Para isso, o referencial teórico utilizado visou estabelecer relações entre o contexto histórico desse esporte e suas relações com economia e sociedade, principalmente no que se refere aos times pertencentes as 4 divisões do Campeonato Brasileiro, de modo a verificar desigualdades econômicas e sociais entre os clubes. Desigualdades essas que podem ser observadas também na sociedade. Visando estabelecer a relação de interesse entre um grupo de alunos e o futebol e os principais meios em que esse interesse se manifesta, foi elaborado um questionário. Este foi aplicado em duas turmas: um oitavo ano (Canoas/RS), e um primeiro ano do EM (Porto Alegre/RS). Explicitado o contexto no qual o futebol pode auxiliar as aulas de Geografia, bem como a Geografia pode ajudar a compreender alguns fatos históricos. Esse trabalho traz um pouco da complexidade das relações entre futebol e sociedade e, mais do que isso, a importância de fazer com que a aula de Geografia não seja algo alheio a sociedade e a vida no aluno. Dessa forma, trazendo uma aula muito mais atrativa, tanto para professor, quanto para os alunos.

Palavras-chave: geografia, futebol, escola

ABSTRACT

Football has a prominent role in Brazilian society, Brazil has been considered, on several occasions, the country of football, due to the importance that this sport has acquired for society and media use. Considering this situation and considering the scope and relevance of this sport, not only in Brazil, but in the world, the idea arose that it could be used as a starting point for a series of subjects to be treated in a Geography class. Thus, the main objective of this work was to analyze the relations between soccer and geography, establishing ways to address aspects of economy and society, comparing with the reality of soccer throughout the country, in order to propose a discussion of the possibilities of addressing these issues in the classroom. To that end, the theoretical framework used aimed to establish relations between the historical context of this sport and its relations with economy and society, especially in relation to the teams belonging to the 4 divisions of the Brazilian Championship, in order to verify economic and social inequalities among the clubs. Such inequalities can also be seen in society. In order to establish the relationship of interest between a group of students and soccer and the main means in which this interest manifests itself, a questionnaire was elaborated. This was applied in two classes: an eighth year (Canoas/RS), and a first year of MS (Porto Alegre/RS). Having explained the context in which soccer can help Geography classes as well as Geography can help to understand some historical facts, this work brings some complexity of the relations between football and society and, more importantly, the importance of doing with which the Geography class is not something alien to society and life in the student. In this way, bringing a much more attractive class, both for the teacher and for the students.

Keywords: geography, football, school

AGRADECIMENTOS

A vida dá muitas voltas, pessoas vem e vão, mas algumas, em especial, colaboraram muito para a finalização dessa etapa da minha vida. Me sinto uma pessoa de muita sorte por encontrado pessoas maravilhosas em minha caminhada, além profissionais extremamente capacitados.

Agradeço ao meu orientador Nestor André Kaercher, por ter me mostrado um mundo de possibilidades a partir da Geografia, pelos contrabandos, pelas leituras atentas e comentários pertinentes e por ter me deixado com mais dúvidas do que certezas após cada conversa que tínhamos. No entanto, me auxiliou a ter uma certeza: é muito bom ser professor e é o que eu quero para minha vida. Eu não poderia ter encontrado uma pessoa melhor para me guiar nessa etapa da graduação.

Aos excelentes professores da área de educação em Geografia que, cada um seu modo, me influenciou positivamente na carreira que quero seguir: Roselane Costella, Ivaine Tonini e Nelson Rego.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me permitiu um ensino público, gratuito e de qualidade, além da possibilidade de ter aula com professores renomados e excelentes pesquisadores.

À Laurindo Antonio Guasselli, que me orientou no TCC do bacharel em Geografia, no mestrado e atualmente me orienta também no doutorado em Sensoriamento Remoto, por ser um exemplo de profissional e ter me aberto as portas da pesquisa.

Ao Guilherme Garcia de Oliveira, amigo e co-orientador do meu doutorado, que é um grande professor e também um exemplo de profissional.

À Agatha Xavier Brubacher, minha linda esposa, que foi e é a minha maior inspiração para que eu me torne um professor. Te agradeço por todo apoio, carinho, compreensão, amor, dicas sobre docência e por ter me mostrado que sim, é possível ser professor, ter uma boa vida e ser feliz. Se eu conseguir ser metade da profissional que tu és, certamente serei um excelente professor.

Ao Colégio de Aplicação da UFRGS, e principalmente ao professor Victor Hugo Nedel, que abriu as portas para minha primeira experiência docente com uma turma de sexto

ano e, mais que isso, estava lá para me ajudar quando as minhas primeiras aulas não foram da maneira que eu esperava.

À professor Ana Clara Fernandes, a qual me permitiu completar o estágio docente com uma turma de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação, além de ter me dado a chance de dividir uma aula com ela, que acredito que foi uma das melhores aulas que participei.

À Escola Irmão Pedro, no município de Canoas, e principalmente a sua supervisora, Lisiane Osório, por ter me permitido realizar parte de meu trabalho na turma 8D.

Aos amigos de longa data da Geografia, que tanta importância tiveram, em diversos momentos, na minha escolha pela licenciatura: Raquel Chites, Pablo Ferreira, Juliana Cardoso e Lucas Ferreira.

À minha mãe, Emerí Maria dos Santos e minha avó, Evanede José dos Santos, sem a ajuda das duas eu certamente não estaria aqui.

Ao meu Pai, Rudi Armando Brubacher, que foi quem me fez gostar de futebol.

Aos meus sogros, que tanto me apoiaram e continuam me apoiando.

Ao meu cunhado, Andrews Xavier, que me emprestou o livro "Futebol ao sol e a Sombra", de Eduardo Galeano, essencial para esse trabalho.

Aos colegas do LAGAM (Laboratório de Geoprocessamento e Análise Ambiental) que, assim como eu, também se dividem com a Pós-Graduação e outros afazeres: Renata Pacheco Quevedo, Cecília Balsamo Etchelar, Luis Fernando Ruiz, João Paulo Delapasse, Victor Fernandes Nascimento e Fabiana Sirângelo.

Muito obrigado a vocês e a todos que estiveram comigo em alguma parte dessa etapa.

EPÍGRAFE

- Quem está nas trincheiras ao teu lado?

- E isso importa?

- Mais que a própria guerra.

(Adaptação de um trecho do livro

"Adeus às Armas, de Ernest Hemingway)

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Série cursada pelos alunos.....	27
Gráfico 2. Gênero dos alunos.....	27
Gráfico 3. Qual seu interesse por futebol?.....	28
Gráfico 4. Pra qual time você torce?.....	29
Gráfico 5. Você já foi em algum jogo de futebol no estádio?.....	29
Gráfico 6. Você torce para times de fora do Brasil?	31
Gráfico 7. Você busca informações de clubes de fora do Brasil.....	31
Gráfico 8. Você costuma assistir algum programa de TV relacionado a futebol?.....	32
Gráfico 9. Você costuma assistir vídeos na internet relacionados a futebol?.....	32
Gráfico 10. Com quem você mais fala sobre futebol?	33
Gráfico 11. Com quem você mais fala sobre futebol: família ou amigos?.....	33
Gráfico 12. Com que frequência você conversa sobre futebol?.....	34

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: DO AUTOR AO TRABALHO	10
1.1 Objetivo geral	12
1.2 Objetivos Específicos	12
2 METODOLOGIA	14
2.1 Aplicação dos questionários	14
2.3 Elaboração das questões	15
3. MUITO ALÉM DAS 4 LINHAS	16
3.1 Futebol e Geografia	16
3.2 O futebol na sala de aula.....	23
3.2.1 O caminho de um sonho (do local ao global)	25
3.3 Os alunos contemporâneos e o futebol	26
3.4 Regionalização dos clubes de futebol das 4 divisões do futebol brasileiro e relação econômica com os estados	35
3.5 Raízes do futebol brasileiro e o campeonato Sul-Sudeste	41
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALÉM DAS EXPECTATIVAS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

1. INTRODUÇÃO: DO AUTOR AO TRABALHO

Meu nome é João Paulo Brubacher. Tenho 33 anos e sou casado com Agatha Xavier Brubacher, 27, formada em Biologia e professora de Ciências. Nasci e me criei no município de Esteio, região metropolitana de Porto Alegre. Passei lá toda a minha infância e adolescência, saindo somente após ter sido aprovado na UFRGS, aos 22 anos. Embora fosse perto de uma Vila chamada "Banhado", que tinha esse nome devido a sua localização, em uma área de várzea do arroio Sapucaia, caracterizada por uma população mais carente e considerado violento, o meu bairro costumava ser calmo e havia muitas crianças. Na escola, vários de meus colegas eram moradores dessa Vila.

Sou filho único de pais separados (a separação aconteceu quando eu tinha cerca de 6 anos) e isso moldou minha infância e adolescência e, por que não, também minha vida adulta. Fui criado em boa parte desses anos por minha mãe e minha avó. De maneira geral, foi uma infância muito boa. Sem luxo (as coisas eram muito mais simples), mas também nunca passei necessidades e minha mãe sempre fez tudo que estava no seu alcance para que nós tivéssemos uma vida boa, tendo em vista que na maior parte da minha infância éramos apenas nós dois. Foi que ela quem me proporcionou condições para estudar.

Entre o Ensino Fundamental e Médio estudei em escola pública (municipal e estadual), particular e Ensino Técnico. Quando eu entrei na UFRGS, em 2008, eu não entrei na Geografia, mas sim na Filosofia. Só me decidi pela Geografia quando fui a um Encontro de Estudantes do Curso (ainda como estudante de Filosofia) e vi as possibilidades que a Geografia poderia me trazer. Uma das minhas críticas em relação a Filosofia era o distanciamento da realidade, algo que vi ser diferente na Geografia, e que foi o que mais me atraiu para o curso, além das influências de amigos.

Até algum tempo atrás não me sentia seguro o suficiente para ser professor. Na prática, tinha medo de entrar em sala de aula e ser engolido pelos alunos ou não ter a capacidade de dar uma aula decente. Dessa forma, segui a minha vida acadêmica, me formando como Bacharel em Geografia em 2013 e, posteriormente, me tornei Mestre na área de Sensoriamento Remoto. Atualmente faço Doutorado nessa mesma área.

Minha primeira experiência em sala de aula se deu no meu primeiro ano do doutorado, no segundo semestre de 2016. Essa experiência se deu com alunos da graduação em

Geografia, ou seja, todos eles com mais de 18 anos. Foi uma prática bem interessante, pois foi a primeira vez que me vi na principal posição em uma sala de aula, com uma visão geral de todos os alunos e com a atenção toda voltada para mim e tendo a possibilidade de compartilhar um pouco do que aprendi no período da Graduação e Pós-Graduação. A partir desse momento, fui amadurecendo lentamente a possibilidade de me tornar professor e essa ideia foi ganhando forma com o tempo.

Nunca foi meu sonho ser professor, mas com o passar do tempo em minha vida acadêmica e em diversas conversas com colegas e, principalmente, tendo um exemplo de professora em casa (minha esposa), passei a ver com melhores olhos essa possibilidade. Fui amadurecendo lentamente essa ideia. Dessa forma, entrei para a graduação da licenciatura em Geografia no início do ano de 2017, por meio de ingresso de diplomado. Considero que a demora em escolher a licenciatura foi benéfica, de forma que pude explorar outras possibilidades e ter amadurecido com calma a ideia de entrar em uma sala de aula.

Quando criança, ainda no município de Esteio, compartilhava o sonho de muitos brasileiros: ser jogador de futebol. Minhas principais memórias afetivas de meu pai e meu avô, nesse período, são em relação ao futebol. Meu pai, por exemplo, era gremista e me passou a paixão por esse clube. Foi ele que me levou, pela primeira vez, em um estádio de futebol, em 1989. Embora pouco me lembre desse caso, tendo em vista que tinha apenas 4 anos de idade, foi ao lado de meu pai que, em 1996, aos 11 anos, comemorei o título do Campeonato Brasileiro daquele ano, conquistado pelo Grêmio, com gols de Paulo Nunes e Ailton. As memórias são muito vivas para mim e, até hoje, meu pai me diz que nunca me viu tão feliz.

As memórias em relação ao meu avô materno, já falecido são um pouco diferentes, já que o mesmo era colorado. Dessa forma, embora com respeito, sempre tinha uma piada na ponta da língua quando o Grêmio perdia. Ainda assim, meio a contragosto, quando o Grêmio ganhava ele soltava a frase: "- Ta feliz, né"? Fico feliz que, antes de meu avô falecer, em 2008, ele teve a felicidade de ver o seu "Colorado" ser Campeão da Copa Libertadores da América e do Mundial de Clubes em cima do Barcelona.

Desde sempre, lembro de "jogar bola" na rua com meus amigos e, eventualmente, em algum campinho na cidade. Com cerca de 9 anos, entrei em "escolinhas de futebol" no município, ainda procurando minha "posição", que viria a ser zagueiro. Permaneci nas

escolinhas da cidade até os 14 anos, quando tive que optar por estudar em outra cidade, de forma que não teria tempo de frequentar os treinamentos.

Nessas escolinhas, tive a oportunidade de viajar para diversos municípios vizinhos jogando futebol. Aos 13, em uma das escolinhas que joguei, tive a oportunidade fazer parte do grupo de garotos mais velhos, e vi alguns deles fazerem teste no Grêmio e no Inter. Se eu quisesse ter um futuro no futebol, deveria ter permanecido lá. Mas, assim como milhares de outros adolescentes, tive que optar por, no Ensino Médio, estudar em outra cidade, com a finalidade de realizar um Curso Técnico, de forma que eu não teria tempo para os treinos.

No entanto, o futebol sempre foi presente em minha, seja nas peladas de final de semana, ou acompanhando jogos na televisão, não só do meu time. Qualquer jogo de futebol entre qualquer time do mundo, eu parava para olhar. Esse trabalho alia minha paixão pelo futebol e pela Geografia, de forma a abordar essa paixão com um olhar atento dessa disciplina.

Por fim, cabe dizer que influenciemos e somos influenciados por tudo que acontece ao nosso redor, e por tudo que vivemos até hoje. Nossas experiências nos fizeram quem somos. Foram 33 anos de estrada até eu entrar em uma sala de aula e iniciar a elaboração desse TCC, de forma que, nesse momento, foi possível aliar futebol e Geografia. Essas linhas contam um pouco da minha história e os motivos que me levaram a realizar um estudo com essa temática para a sala de aula de Geografia.

1.1 Objetivo geral

Esse trabalho tem como objetivo geral analisar as relações entre futebol e Geografia, estabelecendo maneiras de abordar a realidade do futebol no Brasil, de modo a propor uma discussão das possibilidades de tratar esses temas em sala de aula.

1.2 Objetivos Específicos

- Estabelecer maneiras de abordar o futebol e os conceitos básicos da Geografia.
- Verificar a importância que o futebol tem na vida dos alunos;

- Regionalizar os clubes participantes das 4 divisões do futebol brasileiro em 2018.

2 METODOLOGIA

Esse estudo parte de uma revisão teórica e documental, complementada com um questionário, realizado em sala de aula, com alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, visando saber o seu interesse pelo futebol. Para essa etapa, foi elaborado um questionário com perguntas de respostas simples (fechado) e algumas perguntas de resposta aberta direcionada, de modo a facilitar o tratamento e a análise das informações recolhidas.

O objetivo é verificar aspectos relevantes do futebol, desde a sua origem até a realidade atual, influência econômica e desigualdades que podem ser percebidas por esse esporte e que, ao longo desse estudo, se mostrem passíveis de ser utilizados nas aulas de Geografia.

O questionário foi desenvolvido com a finalidade de verificar o interesse de alunos de diversas idades em relação ao futebol. Entre as perguntas elaboradas, foram apresentadas questões cujas respostas continham uma delimitação de 1 a 10, simples (sim ou não), e uma resposta dissertativa.

2.1 Aplicação dos questionários

Os questionários foram aplicados entre os alunos de Ensino Fundamental e Médio, com idades que variam de 12 a 17 anos, do Colégio de Aplicação da UFRGS (Porto Alegre), e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Pedro, localizado no município de Canoas.

O Colégio de Aplicação da UFRGS foi a escola onde realizei tanto o estágio do Ensino Fundamental, no primeiro semestre de 2018, quanto o estágio do Ensino Médio, no segundo semestre de 2018. O questionário foi aplicado na turma 102, do primeiro ano do EM, turma a qual realizei meu estágio.

A Escola Irmão Pedro foi escolhida devido a relação próxima que tenho com os professores e equipe diretiva, tendo em vista que, além de ficar próxima de minha residência, minha esposa é professora nessa escola. Dessa forma, o questionário foi aplicado para uma turma do oitavo ano do EF, na turma 8D.

Não houve diferenciação entre as questões elaboradas para os alunos das duas escolas, de modo a se analisar um contexto geral das respostas, apontando nada mais que o interesse dos alunos em relação a temática abordada nesse estudo.

2.3 Elaboração das questões

Visando verificar a importância que o futebol tem na vida dos alunos, bem como o seu interesse por esse esporte, foram elaboradas dez questões. Com o intuito de verificar o grupo que respondeu a pesquisa, foram solicitadas as informações relativas a idade, sexo e série (ano). Posteriormente, foram realizadas as seguintes perguntas:

Idade:

Sexo:

Série:

1. De zero a dez, qual seu interesse em futebol?

(Em que zero significa "nenhum, nada", e 10 significa "muitíssimo")

2. Para qual o time que você torce?

3a. Você já foi em algum jogo de futebol no estádio?

3b. O que mais lhe chamou atenção nesse estádio?

4. De zero a dez, quanto você se informa sobre esse time?

(Em que zero significa "nada, nenhum pouco" e 10 significa "total")

5. Você torce para algum clube de fora do Brasil?

6. Você busca informações sobre clubes de fora do Brasil?

7. Você já comprou algum item relacionado ao futebol (camiseta, calção, caderno, caneta...)?

8. Você costuma assistir algum programa de TV relacionado a futebol?

9. Você costuma ver vídeos na internet relacionados a futebol?

10a. Com quem você mais fala sobre futebol?

10b. Com que frequência você conversa sobre futebol?

(De vez em quando, Nunca ou Todos os dias)

3. MUITO ALÉM DAS 4 LINHAS

3.1 Futebol e Geografia

O futebol é notável por ser um esporte de massas, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. Mas o que isso significa? Significa que é capaz de atrair milhares de pessoas aos estádios em diversos lugares do mundo e, mais do que isso, atrair milhões em frente a televisão (e outras mídias), o que gera um efeito cascata na relação entre Clubes/Torcedores/Publicidade.

E onde entra a Geografia nessa história? Segundo Campos (2013), o futebol, nas diversas sociedades e em diferentes tempos históricos, tem cumprido um papel mais complexo do que o simples ato de 11 jogadores de cada time chutando uma bola para dentro de uma baliza ou trave (ou gol, de maneira popular). Por trás da aparente simplicidade desse jogo, podemos conciliar os conceitos de sociedade, território, lugar, economia e identidade.

Esse esporte, como o conhecemos hoje, tem como marco uma reunião ocorrida no ano de 1848 na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, que definiu as principais regras e o diferenciava definitivamente do Rugby. No princípio, a prática do futebol se limitava aos ambientes acadêmicos das Universidades e nos altos círculos sociais ingleses, no entanto, posteriormente, foi ganhando as ruas e se popularizando, chegando a ser considerado por Hobsbawn (1987) "a religião leiga da classe operária".

Embora Marx nunca tenha se referido diretamente ao futebol, o seu conceito de "ópio do povo" (MARX, 2005), ao qual ele se referia a religião, frequentemente é atribuído também ao futebol, justamente por ser utilizado como meio para desviar a atenção de determinados problemas sociais, como é citado nos exemplos posteriores com a relação entre os operários e esse esporte.

Trata-se de um esporte que, ao longo dos anos, foi conquistando cada vez mais espaço na vida das pessoas, capaz de afetar desde os mais ricos até os mais pobres. Surgido ainda no século XIX como um esporte destinado aos nobres ingleses, alcançou popularidade, naquele mesmo século, entre os trabalhadores daquele país. Se tornando, ainda nas primeiras décadas de existência, um esporte de massas. Baker (1979) estabelece a seguinte relação entre os operários e o futebol na Inglaterra Vitoriana:

No nível mais óbvio, significou uma fuga agradável, embora momentânea, da rotina de trabalho em fábricas e dos limites da vida abarrotada da classe trabalhadora. Essas enormes multidões servem como evidência estatística para suplementar o testemunho literário sobre a importância do futebol para a classe trabalhadora. Enquanto apenas 2.000 espectadores participaram da primeira final F.A.Cup, em Kensington Oval, em 1872, vinte anos depois, cerca de 25.000 fãs lotaram o estádio até os limites. Em 1895, o novo terreno do Crystal Palace atraiu 42.500 pessoas e, em 1901, recebeu 111.000 fãs entusiasmados. Nas catracas, os trabalhadores ingleses registraram sua alegria com o jogo que oferecia "como um tônico alguma excitação estimulante" para transportá-los de uma semana passada em trabalho exaustivo e monótono (BAKER, 1979, p. 247).

No final do século XIX, a influência, tanto econômica quanto cultural, do Império Britânico se encarregou de levar o futebol a diversos cantos do mundo, como na América Latina, por exemplo. Um dos meios pelo qual o futebol se difundiu pelo Brasil, assim como aconteceu na Inglaterra Vitoriana, se deu pelas mãos de operários. No caso dos trabalhadores brasileiros, muitos deles eram funcionários das ferrovias que eram responsáveis, ainda no século XIX, de fazer a ligação entre capital e interior. Buchmann (2002) listou mais noventa times brasileiros fundados devido ao desenvolvimento de ferrovias. Segundo Ferreira (2008):

Muitos dos funcionários que trabalhavam na manutenção eram oriundos da capital ou vizinhança, e portanto, já tinham conhecimento do esporte que chegara da Grã-Bretanha, o futebol. Até porque as primeiras empresas a criarem e gerenciarem esses negócios eram inglesas ou dependentes do capital inglês (FERREIRA, 2008, p. 20).

As origens dos clubes de futebol, se tratando de América Latina, são diversas, tendo como pano de fundo bairros, cidades, grupos étnicos ou fábricas. Conforme Ferreira (2005):

Ao analisarmos a história dessa modalidade, constatamos a existência de equipes formadas a partir de diferentes origens. Elas podem estar ligadas a grupos étnicos: Vasco da Gama, Tuna Luso, Cruzeiro e Palmeiras (Brasil), Central Español (Uruguai), Audax Italiano e Palestino (Chile); cidades: Coritiba, Marília, Fortaleza, Caracas, Bucaramanga; personagens históricos: Bolívar e Jorge Wilsterman (Bolívia), O'Higgins e Colo Colo (Chile), Jorge Newberry (Argentina), Saprissa (Costa Rica), Juan Aurich (Peru); instituições de ensino: Universitário (Peru), Newell's Old Boys e Estudiantes (Argentina), Universidad Autónoma de Guadalajara (México), Universidad de Chile; bairros: Botafogo, Boca Juniors, Madureira, Campo Grande; e fábricas: Cruz Azul (México), Talleres de Córdoba (Argentina) e Bangu (FERREIRA, 2005).

De um início elitista a sua popularização, a profissionalização desse esporte também se encarregou de acentuar as desigualdades sociais e conflitos raciais, já que no Brasil do início do século XX, os negros eram impedidos de participar dos clubes que estavam sendo formados na época, criando as suas próprias ligas à margem da sociedade. Sobre o racismo no início do século XX, Mascarenhas (1999) coloca que:

O processo de desescravização nas últimas décadas do século XIX faz aportar, nas principais cidades brasileiras, densos contingentes de negros oriundos da zona rural [...] No Rio Grande do Sul, onde o afluxo de imigrantes europeus foi particularmente maciço, a situação do negro adquiriu contornos dramáticos. Na cidade de Porto Alegre, início do século XX [...] a ideologia antinegro encontrou terreno fértil (MASCARENHAS, 1999, p. 144).

Esse certamente é um dos temas ligados ao futebol que pode ser trabalhado em sala de aula. O racismo, tão presente na sociedade brasileira do século passado, ainda pode ser percebido, quase como se nada houvesse mudado, na sociedade atual. Como vivemos em uma sociedade racista, e o futebol faz parte da sociedade (assim como os alunos), encontramos no futebol diversos casos de racismo (CAVALCANTI & CAPRARO, 2009; SANTOS, 2010).

Não é algo apenas restrito aos livros de história, é algo ocorre todas os dias nas ruas, e não raramente, nos estádios. As origens das desigualdades sociais e do racismo são antigas e a Geografia pode ajudar a explicar a sociedade e a cidade por meio do futebol. Como exemplo, pode ser questionado aos alunos em uma aula de Geografia a seguinte pergunta: "- Onde estão os negros"?

A criação da Liga dos Canelas Preta de Porto Alegre, fala muito da inserção e da exclusão do negro na vida social da cidade e de uma história que foi durante muito tempo renegada. O próprio Sport Club Internacional, que tinha nos anos 40 a negritude como símbolo, somente foi aceitar jogadores negros, muito lentamente, a partir dos anos 20 (MASCARENHAS, 1999).

Um dos mais famosos torcedores gremistas da primeira metade do século XX foi Lupcínio Rodrigues, saudoso cantor, compositor e autor do hino do Tricolor Gaúcho, era filho de um dos fundadores da Liga dos Canelas Pretas. Ele conta um pouco dessa história em sua coluna no Última Hora, de 1963:

Em 1907, uma turma de mulatinhos, que naquela época já sonhava com a evolução das pessoas de côr, resolveu formar um time de futebol. Entre estes mulatinhos estava o senhor Júlio Silveira, pai do nosso querido Antoninho Onofre da Silveira, o senhor Francisco Rodrigues, meu querido pai, o senhor Otacílio Conceição, pai do nosso amigo Marceli Conceição, o senhor Orlando Ferreira da Silva, o senhor José Gomes e outros. O time foi formado. Deram-lhe o nome de "RIO-GRANDENSE" e

ficou sob a presidência do saudoso Julio Silveira. Foram grandes os trabalhos para escolher as côres, o fardamento, fazer estatutos e tudo que fôsse necessário para um Clube se legalizar, pois os mulatinhos sonhavam em participar da Liga, que era, naquele tempo, formada pelo Fuss-Ball, que é o Grêmio de hoje, o Ruy Barbosa, o Internacional e outros. Êste sonho durou anos, mas no dia em que o “RIO-GRANDENSE” pediu inscrição na Liga, não foi aceito porque justamente o Internacional, que havia sido criado pelo “Zé Povo”, votou contra, e o “RIO-GRANDENSE” não foi aceito. Isso magoou profundamente os mulatinhos, que resolveram torcer contra o Internacional e, sendo o Grêmio seu maior rival, foi escolhido para tal. Fundou-se, por isso, uma nova Liga, que mais tarde foi chamada de “Canela Preta”, e quando êstes moços casaram, procuraram desviar os seus filhos do clube que hoje é chamado o “CLUBE DO POVO”, apesar de não ser êle o primeiro a modificar seus estatutos, para aceitar pessoas de côr, pois esta iniciativa coube ao “ESPORTE CLUBE AMERICANO”, e vou explicar como: A Liga dos “Canelas Pretas” durou muitos anos, até quando o “ESPORTE CLUBE RUY BARBOSA”, precisando de dinheiro, desafiou os pretinhos para uma partida amistosa, que foi vencida pelos desafiados, ou seja os pretinhos. O segundo adversário dos moços de côr foi o Grêmio, que jogou com o título de “Escorete Branco”. Isso despertou a atenção dos outros clubes que viram nos “Canelas Pretas” um grande celeiro de jogadores e trataram de mudar seus estatutos, para aceitarem os mesmos em suas fileiras, conseguindo levar assim, os melhores jogadores, e a Liga teve que terminar (RODRIGUES, 1963).

Embora nos tempos atuais o futebol alimente um crescente mercado econômico, com cifras que chegam a bilhões de dólares, antigamente já existiam sensíveis diferenças entre "clubes ricos e pobres", entre países "ricos e pobres" e entre classes sociais que podiam ou não fazer parte desse esporte que viria a se tornar paixão nacional e teria papel de destaque na formação da identidade do povo brasileiro em diferentes momentos históricos.

Mesmo que outros esportes tenham a capacidade de atrair multidões (dentro e fora dos estádios), como o Futebol Americano, o Beisebol e o Basquete, por exemplo, os mesmos não alcançam a popularidade do futebol, que pode ser medida de 4 em 4 anos com a Copa do Mundo, e é o evento mais visto do mundo, superando, inclusive, as Olimpíadas.

Esportes como Futebol Americano e Basquete possuem sua maior fonte de renda nos Estados Unidos. O fato do futebol ter aumentado sensivelmente seus rendimentos a partir da década de 80 pode ser chamado de Americanização do futebol, principalmente devido ao agressivo marketing esportivo, que influencia e é influenciado pela transmissão esportiva distribuída para o mundo inteiro.

Mesmo nos Estados Unidos, o futebol vem aumentando a sua popularidade. As marcas investem em um esporte buscando visibilidade, de modo que o crescimento do esporte enquanto mercadoria, acaba por abranger grandes mercados internacionais. Os principais torneios continentais, por exemplo, são transmitidos para todos os continentes, (GIULIANOTTI E ROBERTSON, 2009). Trata-se, portanto, da globalização do futebol, que

pode ser abordado em uma aula de Geografia, entre outros exemplos, com uma simples pergunta: alguém conhece Cristiano Ronaldo?

Nesse caso, além de ser um excepcional jogador de futebol, a imagem desse atleta é veiculada diariamente a diversos produtos. Com que interesse esses produtos são ligados a sua imagem? Que outros atletas costumamos ver em propagandas e por quê? As vezes nem nos damos conta de como somos "bombardeados" com certas marcas e certos "rostos", que é chamado de "marketing agressivo" e também pode ser comentado em aula.

Existem algumas diferenças na relação de como os Estados Unidos lidam com os esportes mais populares em relação a outros lugares do mundo. Nesse país, ligas como a NFL (*National Football League*), mesmo tendo se espalhado ao redor do mundo, a ponto de fazer o SuperBowl um grande evento, se contentou, inicialmente, em satisfazer o seu mercado interno, celebrando o modo de vida americano. Por outro lado o Futebol (soccer, para os norte-americanos) é muito apreciado pelos migrantes latinos e europeus que veem no futebol uma oportunidade para celebrar publicamente sua identidade (HIRATA, 2014).

Identidade pode ser outro assunto a ser tratado em aula tendo como ponto de partida (ou de chegada) o futebol. A sensação de pertencimento permeia boa parte de nossas vidas. Em relação ao futebol, fazendo uma referência ao "lugar" e ao "território", faz diferença torcer para Grêmio ou Inter? Faz diferença ter nascido no bairro Lomba do Pinheiro ou no bairro Partenon (ambos bairros de Porto Alegre)? Fico curioso para saber as respostas dos alunos. Em quais bairros/cidade/estado nasceram os principais jogadores do teu time?

Em épocas do Copa do Mundo vê-se, em diversos países, um nacionalismo aflorado. Por que isso ocorre? Por que há mais bandeiras pelas ruas? Esse fato não remete só ao Brasil. No filme *A Onda* (2008), há um relato sobre a Copa do Mundo da Alemanha, em 2006, na qual podia se ver muitas bandeiras alemãs pelas ruas e um sentimento nacionalista exacerbado. Assuntos possíveis de serem debatidos com os alunos.

O esporte pode ter função agregadora e de valorização de diferenças regionais, como mencionado. Algumas seleções de futebol do continente africano, por exemplo, tiveram destaque pelo vigor físico dos atletas, como a seleção de Camarões, em 1990 (do craque Roger Milla) e a Nigéria campeão Olímpica de 1996, desbancando seleções favoritas como Brasil e Argentina.

No Brasil, alguns times parecem ter um estilo de jogo no seu "DNA". No Sul, o Grêmio ficou famoso pela raça e imortalidade e o Inter por ser um clube do povo, assim como o Corinthians em São Paulo. Ainda nesse estado, o Santos ficou marcado pelo futebol ofensivo.

Algumas diferenças podem não ficar evidentes em grandes países e grandes ligas, devido a influência da globalização no futebol (SANTOS, 2000; TIESLER & COELHO, 2006; FAVERO, 2008) no entanto, nas ligas menos apreciadas ou nas divisões inferiores das grandes ligas, as diferenças culturais e sociais ficam mais latentes. O futebol insiste em sobreviver quando uma pequena equipe se destaca em uma grande liga (como o Leicester, na Inglaterra, em 2016), mesmo que isso tenha sido devido ao dinheiro investido por um bilionário Tailandês; ou quando uma seleção sem tanta expressão se destaca na Copa do Mundo de Futebol (como a Croácia, Vice-campeã em 2018).

E se por um lado o esporte, mais precisamente o futebol, pode ser utilizado para aproximar, também pode ser utilizado para realçar desigualdades (sociais e econômicas). Na Copa do Mundo de Futebol, todas as seleções campeãs, nas 21 edições do torneio, são Europeias ou Sul-americanas. No Brasil, os times da região Sul e Sudeste possuem 95,08% dos títulos do Campeonato Brasileiro. Ou seja, os dados demonstram que há uma relação entre poder econômico e sucesso futebolístico.

Além da relação entre economia e globalização, conceitos como nacionalismo e identidade são bastante explorados por governantes de diversos lugares do mundo. Segundo Hobsbawn (1990):

Entre as duas guerras, o esporte internacional tornou-se uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período que a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico e, como demonstrou o ano de 1936, que os Jogos Olímpicos se transformaram indubitavelmente em ocasiões competitivas de auto-afirmação nacional, o que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar como a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz (1990, p. 170-171).

Caldas (1986) fala sobre futebol e alienação e futebol no Brasil, mas ressalta que não é o futebol em si que aliena, e sim os governantes. Nas palavras dele:

Esse fato decorre, isto sim, do uso ideológico que o estado possa fazer desse esporte, como faria de qualquer outra manifestação que tivesse força popular idêntica. Assim, fica claro o seguinte: não é o futebol enquanto tal que aliena. Quem aliena

são os governantes que, deliberadamente, usam os esportes de massa com objetivos políticos, quase sempre sem nenhum escrúpulo, sem nenhuma ética (CALDAS, 1986).

Ainda que não seja o futebol em si que aliena, a história nos mostra que regimes autoritários criam artifícios para ressaltar o sentimento de pertencimento e, por que não, um inimigo externo a se opor. Se tratam, portanto, de dois aspectos que a paixão envolvida nesse esporte é capaz de envolver.

Um exemplo do que afirma Caldas foram as Copas do Mundo de 1970, disputada no México e vencida pelo Brasil; e a Copa do Mundo da Argentina, em 1978, disputada na Argentina e vencida pelo país sede. Em pleno período de ditadura militar, esses dois países utilizaram o esporte como válvula de escape para demonstrar força para o exterior e uma unidade interna, com a qual a população se identificasse. Segundo Breitz (2012)

A Argentina, país sede e campeã mundial de 1978, procurou criar uma imagem de unidade nacional e nação desenvolvida, que seriam amplamente divulgadas fora de suas fronteiras. Por outro lado, o Brasil buscou expressar uma unidade nacional em 1970, ao estabelecer uma relação próxima entre o Estado e os campeões mundiais no México (BREITKREITZ, 2012, p. 1).

Em outro exemplo do futebol sendo utilizado como plataforma política, GALEANO (2004) lembra duas passagens que estreitam a relação entre futebol, política e racismo. Uma delas, ocorreu em na Copa do Mundo de 1938, em plena época do fascismo, após uma vitória da Itália sobre o Brasil:

O jornal *La Gazzeta dello Sport* exaltou então "a apoteose do esporte fascista nesta vitória da raça". Pouco antes, a imprensa oficial italiana tinha comemorado assim a derrota da seleção brasileira: "saudamos o triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros" (GALEANO, 2004, p. 76).

Em outra passagem, Galeano ressalta que Silvio Berlusconi, que havia sido presidente do Milan e viria a ser Primeiro Ministro da Itália, usou o clube como plataforma política:

[...] Muitos anos depois, já nos finais do século, o dono do Milan ganhou as eleições italianas com um lema, *Forza Italia!*, que vinha das arquibancadas dos estádios. Silvio Berlusconi prometeu que salvaria a Itália como havia salvo o Milan, a superequipe campeã de tudo, e os eleitores esqueceram que algumas de suas empresas estavam a beira da ruína (GALEANO, 2004, p. 42).

Como é possível perceber, há relações bastante estreitas entre conceitos norteadores da ciência geográfica, como território, lugar e sociedade, bem como aspectos frequentemente abordados nas aulas de Geografia, como economia, nacionalismo, desigualdades sociais e globalização.

Dessa forma, mesmo que o aluno não se interesse pelo esporte, é provável que conheça os principais clubes e os principais jogadores do mundo, já que somos bombardeados com propagandas desses astros todos os dias. Cabe a esse estudo, portanto, abordar maneiras de se trabalhar conceitos da Geografia a um tema que, provavelmente, conseguirá despertar o interesse dos alunos.

3.2 O futebol na sala de aula

A comunicação entre alunos e professores pode significar a diferença entre uma aula boa e uma aula ruim, entre uma aula atrativa e uma aula monótona tanto para professores quanto para os alunos. Não é novidade que os professores tenham que se desdobrar para criar alternativas que atraiam o interesse dos alunos.

Esse estudo trabalha com a possibilidade de utilizar o futebol como pretexto para que se melhore a comunicação nas aulas de Geografia, de modo que esse diversos temas comuns as aulas dessa disciplina possam ser abordados tendo como pano de fundo esse esporte as relações que ele possui com economia e sociedade.

Entre os temas frequentemente discutidos nas aulas de Geografia, é possível destacar alguns que direta ou indiretamente se conectam com um esporte praticado em todo o mundo e que se destaca no cotidiano da sociedade brasileira (HOLGADO & TONINI, 2014). Na verdade, esse já pode ser um primeiro tema a ser debatido em aula, devido ao seguinte motivo: a ONU (Organização das Nações Unidas) reconhece a existência de 193 países, no entanto, a mesma não contabiliza possessões e territórios. Para ser reconhecido pela ONU, um país deve ter as suas fronteiras definidas, sustentação econômica e soberania nacional.

Por outro lado, o COI (Comitê Olímpico Internacional), não se utiliza das mesmas regras, possuindo, assim, 206 membros. A FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) possui 211 "organizações esportivas privadas associadas representando o esporte em países ou territórios". No caso das duas instituições, a quantidade de membros faz parte do jogo do poder, já que normalmente todos os membros possuem direito a voto para escolher as sedes das Olimpíadas e da Copa do Mundo de Futebol, o que nem sempre acontece de modo transparente.

Quando falamos em relações internacionais, é imprescindível tocar no assunto globalização. Por meio desse ponto de início e em conjunto com o futebol, podem ser destacados aspectos relativos a imigração, economia, desigualdades sociais, relações entre países (blocos econômicos e rivalidades), além dos conceitos-chave da Geografia (espaço geográfico, paisagem, lugar, território e região), que estão intimamente conectados.

Quando um professor de Geografia vai trabalhar globalização, por exemplo, há diversas maneiras de abordar o tema. Alguns livros didáticos apelam para as relações entre globalização e pobreza e globalização e economia. No entanto, seguindo a lógica de Callai, devemos nos aproximar do local vivido pelo aluno de forma a fazer com que aquele conteúdo se aproxime do seu cotidiano, dessa forma, Callai (2015) afirma que:

Num mundo em que a globalização se faz sentir em todos os aspectos afetando as vidas de todos os homens em todos os lugares, não faz sentido estudar fenômenos ou lugares isolados, mas inseridos na complexidade global. E torna-se hoje fundamental considerar o regional para além dos limites das nações, que estão se constituindo em novas realidades mundiais (CALLAI, 2015, p. 92).

É possível afirmar que, dadas as diferentes características regionais de um país de dimensões continentais como o Brasil, a paixão pelo futebol é um norteador capaz de fazer com que, de Norte a Sul do país, os alunos se sintam representados, mesmo os que não tenham muito apreço pelo esporte (o interesse dos alunos pelo futebol será abordado no próximo capítulo).

Callai (2010, p. 71), ao abordar a importância de estudar o lugar para compreender o mundo, ressalta alguns aspectos que dialogam muito bem com o modo de como o futebol se apresenta na vida das pessoas, principalmente além das quatro linhas. A autora relata o seguinte:

Em Geografia, uma das questões mais significativas ao tratar do que estudar diz respeito à escala de análise que será considerada. Ao estudar o espaço geográfico, a delimitação do mesmo é um passo necessário, pois o espaço é imenso, planetário, mundial. O que dele ou nele estudar? Para dar conta da delimitação deve-se fazer a referência à escala social de análise, que, em vários níveis, encaminha a recortes que elegem determinada extensão territorial. Esses níveis são o 'local, o regional, o nacional e o global' (CALLAI, 2010, p. 71, grifo meu).

Retomando os níveis de estudo colocados por Callai, o local, o regional, o nacional e o global, e levando-se em conta as possibilidades de estudo do futebol nas aulas de Geografia, podemos partir do próprio cotidiano do aluno, de modo a chegar nas relação intercontinentais e torneios internacionais. Como diz Kaercher (2007), "Busca-se uma aproximação entre a

realidade em que os alunos vivem e o que se estuda durante as aulas, para se evitar que o que se estuda na escola não tenha relação com a vida dos alunos".

3.2.1 O caminho de um sonho (do local ao global)

A maior competição futebolística é a Copa do Mundo de Futebol. No entanto, essa competição é disputada por um grupo seleto de seleções de 32 países. Em relação à disputa de clubes, a maior competição do mundo é a Liga dos Campeões da Europa, embora para os clubes Sul-americanos sejam a Libertadores da América e o Mundial de Clubes.

Há um longo caminho a ser traçado para o jogador e o clube que pretendem chegar ao topo. Em relação ao jogador, a história começa em um clube de bairro. Essa realidade se apresenta, com raras exceções, em todos os países do mundo. É viável conversar com os alunos e questionar o seguinte: quem joga futebol, se eles conhecem alguém que joga (mesmo amador).

Uma realidade vista nas cidades distantes das capitais é que, dependendo do sonho de cada um e da carreira que queiram seguir, terão de deixar a sua cidade-natal e se direcionar para a capital, ou para uma cidade maior. Com alguém que queira se tornar um jogador, a relação é semelhante, pois os maiores clubes estarão localizados nas capitais.

Nesse momento, os alunos podem ser questionados sobre o que pensam sobre o futuro. Dependendo dos seus sonhos, eles terão que deixar a sua cidade ou, quem sabe, o seu país. Um grupo seleto de jogadores (jovens) consegue passar nas peneiras dos grandes clubes, outros, terão que se contentar com clubes menores.

Termos como meritocracia podem ser utilizados nesse momento, ou seja, nem sempre o melhor irá se dar bem. Será que o jovem de classe média, cujos pais têm boa condição financeira, terá as mesmas condições que um jovem que saiu de uma favela, ao disputar uma vaga? As desigualdades sociais são intrínsecas a essa discussão.

Para que um jogador consiga ter sucesso em sua carreira (o conceito de sucesso também pode ser discutido) a ponto de chegar à seleção brasileira, ele terá que se destacar, portanto, em seu time de bairro, passar em uma peneira para um clube maior, se destacar nesse clube e, muitas vezes, conseguir jogar na Europa para, só então, ser convocado.

Por que os melhores jogadores do mundo estão na Europa e não o contrário? Por que a Europa paga os melhores salários? Por que o Brasil é considerado um país em desenvolvimento? Por que os países da África, Ásia e Oceania nunca ganharam uma Copa do Mundo? Será que é só porque eles não tem os melhores jogadores ou a situação financeira tem influência?

No caso dos clubes, podemos citar algum clube próximo da cidade do aluno, mesmo um que não esteja em nenhuma divisão. Caso esse clube queira se sagrar campeão brasileiro ele deverá percorrer o seguinte caminho: conseguir uma vaga na menor divisão da competição regional (no caso do Rio Grande do Sul, a menor divisão se chama "Segunda Divisão").

A próxima etapa será vencer a Divisão de Acesso e conseguir uma vaga no Campeonato Gaúcho. Nesse caso, já temos uma relação local/regional. Dependendo da colocação no Campeonato Gaúcho, o clube irá conquistar uma vaga para a série D do Campeonato Brasileiro (do local, o clube passa para o regional e vai para o nacional).

A maioria dos clubes que jogam a Série D tem problemas financeiros. Ou seja, disputar essa divisão não significa ter status e muito menos dinheiro. Para um clube chegar nessa divisão, conforme relatado, teve que superar diversas etapas locais e regionais. Cabe novamente discutir com os alunos as questões relativas a desigualdades econômicas e se é real a possibilidade de que um clube, bastando querer, consiga chegar ao topo.

No ano de 2018 o CSA (Centro Esportivo Alagoano), conquistou um feito inédito: subiu, em três anos, da Série D para a Série A, conseguindo os acessos um ano após o outro. Ainda assim, esse clube já iniciará o ano de 2019 como principal candidato ao rebaixamento. Todos essa caminhada futebolística pode ser abordada pela Geografia para trabalhar relações local/global, globalização, desigualdade social e econômica na própria cidade, estado ou país, utilizando o futebol como pretexto.

3.3 Os alunos contemporâneos e o futebol

Um grupo de alunos foi convidado a responder algumas questões relativas ao seu interesse por futebol. Como o foco desse trabalho é a utilização desse esporte como referência em uma aula de Geografia, para ser usado como ponto de partida para o estudo de tópicos

pertinentes a disciplina. Foram elaboradas dez questões, cujas as respostas puderam ser um fator importante de análise sobre o interesse dos alunos por esse assunto.

As perguntas iniciais questionavam a idade, o série (o ano) e o gênero dos alunos. Entre os 40 alunos pesquisados, portanto, haviam idades que variavam de 13 a 18 anos.

Gráfico 1 - Série cursada pelos alunos

Série cursada pelos alunos

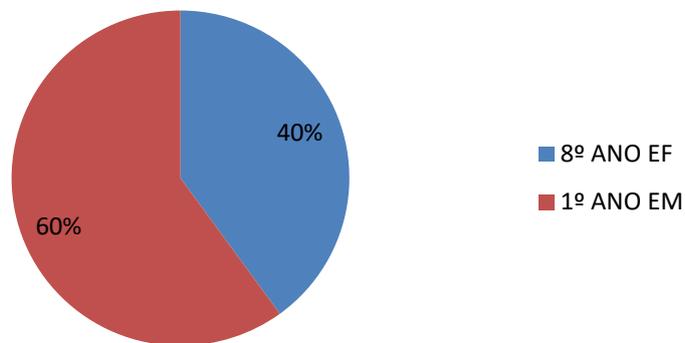
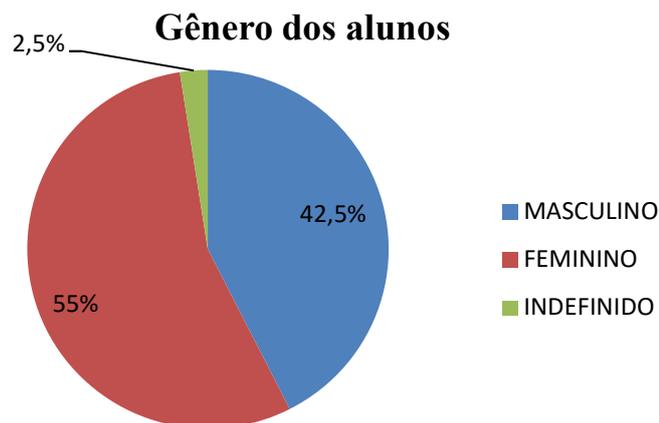
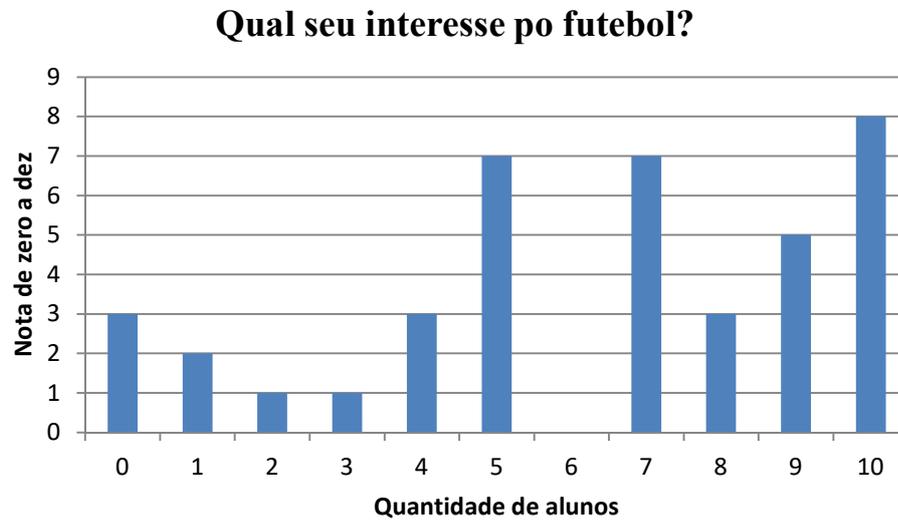


Gráfico 2 - Gênero dos alunos



Com os dados relativos as características dos alunos, a primeira pergunta se baseava no interesse por futebol, com uma resposta que variava de 0 (nenhum, nada) a 10 (muitíssimo).

Gráfico 3 - Qual seu interesse por futebol?

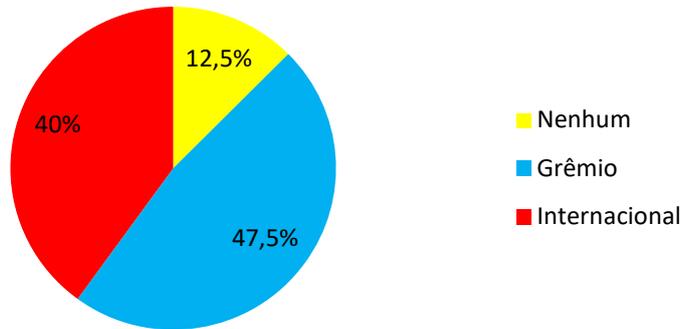


Recentemente, em pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha (2018), esse instituto havia determinado manifestado que houve uma diminuição no interesse dos brasileiros pelo futebol. Com base na resposta dos alunos, é possível perceber que, em um grupo de 40 alunos, apenas três manifestaram completo desinteresse.

Uma particularidade é que, desses três alunos, haviam duas meninas e um que se declarou indefinido. Em relação aos que colocaram dez, ou seja, se interessam (muitíssimo) por futebol, todos eram meninos. Embora os demais resultados tenha sido variados, pode se dizer que, com base nesse grupo, ainda há predomínio masculino nesse esporte. Sobre aqueles que responderam entre 1 e 5, ainda afirmaram que ou conversam sobre futebol ou consomem algum tipo de produto.

A questão 2 tinham como objetivo determinar o time de preferência dos alunos. Essa pergunta estava em aberto e obteve apenas três respostas: Grêmio, Inter e nenhum.

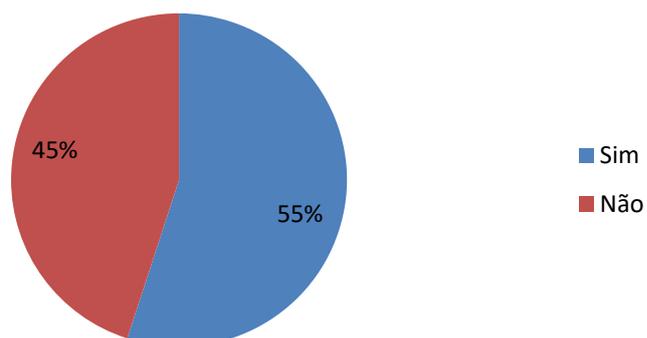
Gráfico 4 - Para qual time você torce?

Para qual time você torce?

Segundo pesquisa Data Folha (2018) a região Sul, quando se trata de preferência por clubes, possui uma característica que a diferencia das demais: em todas as outras regiões do Brasil, há uma preferência por clubes do Sudeste, principalmente Flamengo e Corinthians. No Sul, os dois clubes que lideram essa pesquisa são Grêmio e Internacional. O resultado dessa questão apresenta semelhanças com a pesquisa citada, com o Grêmio um pouco acima do Internacional na preferência dos alunos, e 12,5% apontando que não torcem para nenhum clube.

As perguntas 3a e 3b tinham relação com a ida dos alunos em algum estádio de futebol.

Gráfico 5 - Você já foi em algum jogo de futebol no estádio?

Você já foi em estádio de futebol?

Do grupo pesquisado, 55% apontou que sim, já frequentou alguma estádio. O que chama atenção é a questão seguinte: - O que mais te chamou atenção nesse estádio? Entre os que responderam essa pergunta, o que mais chamou atenção dos alunos foi a torcida. Ainda foram citados a beleza do estádio, o tamanho, o telão, o gramado, a organização e o mau cheiro.

No período que antecedeu a Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil, em 2014, alguns clubes aproveitaram os incentivos fiscais para fazer novos estádios (casos de Grêmio e Corinthians) e outros para reformar os seus estádios (casos de Inter e Bahia). A partir desse momento, principalmente, o custo para se assistir a uma partida de futebol aumentou consideravelmente, pois houve um processo de elitização do futebol brasileiro (SIMÕES, 2014).

Embora a média de público dos últimos anos não seja muito diferente do que se nas décadas passadas (FUTDADOS, 2015), houve, de fato, um aumento no preço médio do ingresso. Entre 2003 e 2013 o valor médio dos tíquetes subiu 300%, bem acima da inflação média do período, que foi de 73% (BARROS & AFUNE, 2013). E isso que em 2013 alguns dos novos estádios ainda não haviam sido inaugurados.

Dessa forma, chega a surpreender que 55% dos alunos tenham respondido que já foram a um estádio de futebol, tendo em vista que se trata de uma forma lazer que possui um preço muito elevado, muitas vezes impossibilitando que a maioria da população tenha acesso.

As duas questões seguintes perguntavam se os alunos torcem para algum time de fora do Brasil e se eles procuram informações sobre esses times.

Gráfico 6 - Você torce para times de fora do Brasil?

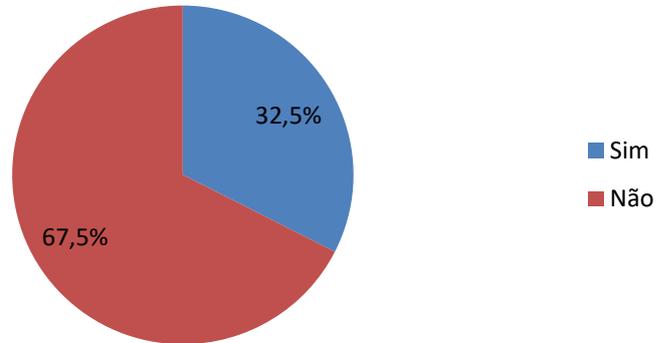
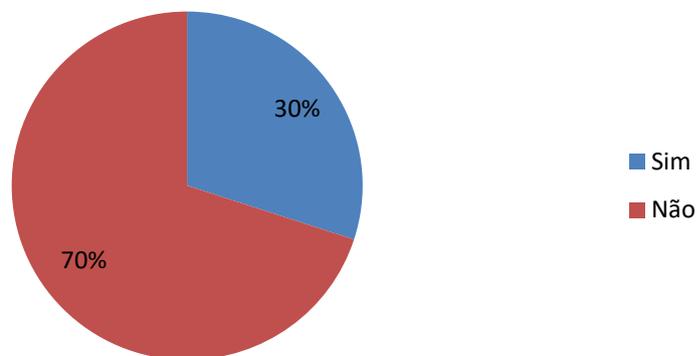
Você torce para times de fora do Brasil?

Gráfico 7 - Você busca informações sobre clubes de fora do Brasil?

Você busca informações de clubes de fora do Brasil?

Em relação ao gráfico 6 e ao gráfico 7, é possível perceber que a maioria dos alunos afirmou não torcer para clubes de fora do Brasil e nem torcer para esses clubes. Sobre aqueles alunos que torcem ou procuram informações sobre clubes de fora, citaram os seguintes clubes: PSG (França), Liverpool e Manchester City (Inglaterra), Barcelona e Real Madrid (Espanha) e Juventus e Napoli (Italia). É interessante perceber que, fora o Napoli, todos fazem parte do primeiro escalão mundial e contam, além disso, com os principais patrocínios do mundo do futebol.

As perguntas seguintes tinha como objetivo saber se os alunos assistiam algum programa de TV relacionado ao futebol (existem vários tanto na TV aberta quanto na TV fechada) e se eles procuravam conteúdos na internet.

Gráfico 8 - Você costuma assistir algum programa de TV relacionado a futebol?

Você costuma assistir algum programa de TV relacionado a futebol?

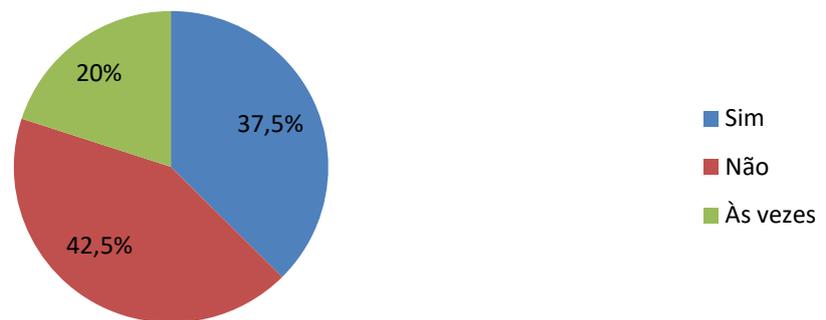
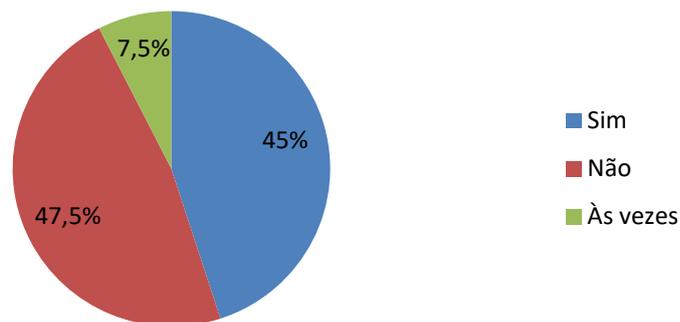


Gráfico 9 - Você costuma assistir vídeos na internet relacionados a futebol?

Você costuma assistir vídeos na internet relacionados a futebol?



De acordo com as respostas dessas perguntas é possível perceber uma maior procura dos alunos por conteúdos disponíveis na internet do que na televisão. É verdade que há uma porcentagem relevante entre aqueles que assistem algum programa na TV "de vez em quando", no entanto, entre os que responderam que "sim", que costumam assistir vídeos na internet, essa porcentagem é maior e bastante relevante.

Atualmente, as redes de televisão ainda são a origem da maior parte de verba recebidas pelos clubes, no entanto, recentemente, também entraram nesse pacote os valores referentes a mídias móveis, o que denota uma modificação também dos hábitos dos torcedores, certamente influenciados pelos jovens.

As últimas perguntas do questionário são importantes no que diz respeito as experiências que os alunos podem trazer de suas vidas para a sala de aula. O aluno não é um papel em branco quando chega na escola, mas ele traz vivências e experiências. As perguntas 10a e 10b do questionário visam saber a frequência e com quem os alunos mais conversam sobre futebol.

Gráfico 10 - Com quem você mais fala sobre futebol

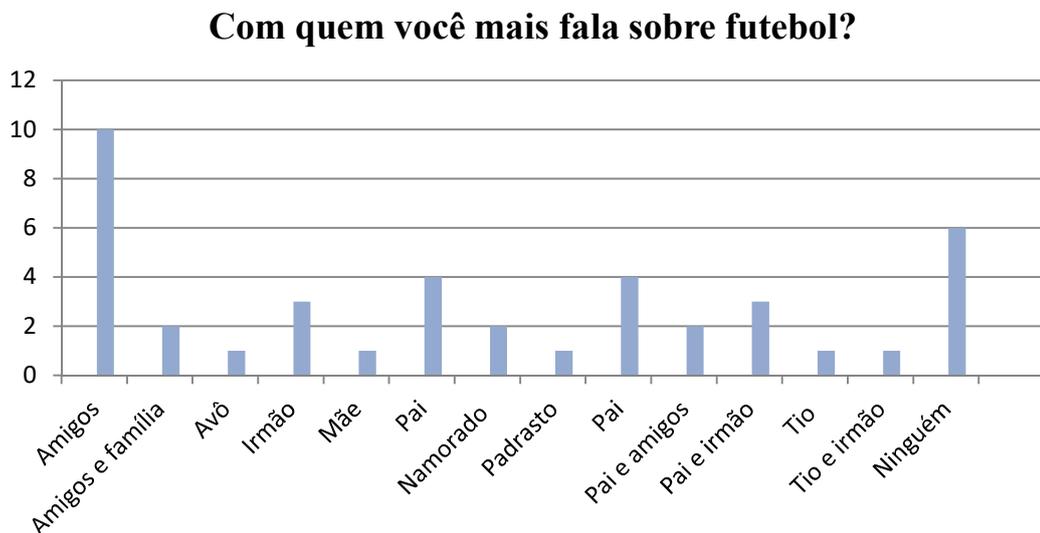


Gráfico 11 - Com quem você mais fala sobre futebol (família e amigos)

**Com quem você mais fala sobre futebol:
família e amigos**

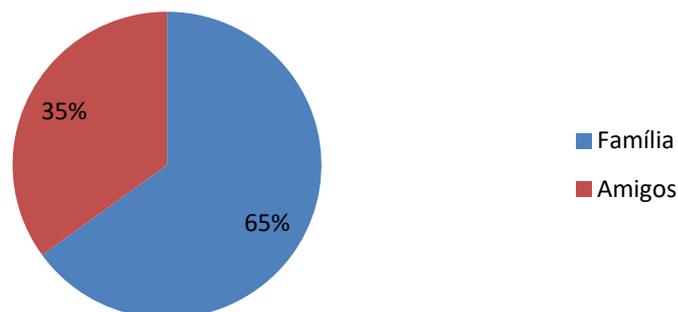
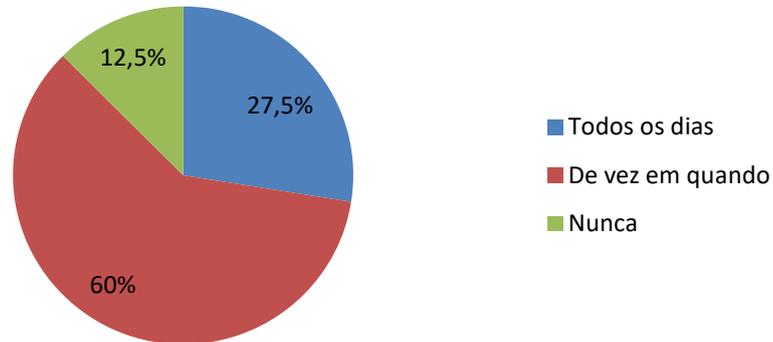


Gráfico 12 - Com que frequência você conversa sobre futebol?

Com que frequência você conversa sobre futebol



O gráfico 10 apresenta as respostas do mesmo modo como os alunos colocaram nos questionários. Dessa forma, os mesmos escreveram respostas abertas como, por exemplo: tios, tios e amigos, pai, namorado, mãe, entre outros. No momento em que estas respostas são separadas somente entre amigos e família é que possível perceber a importância da relação familiar quando se trata de futebol.

Muitas vezes, a referência para que alguém decida torcer para um clube vem, justamente da família. Pode ser um pai assim como pode ser um irmão, um tio, avô ou, como no caso de uma aluna, a própria mãe. Esse tipo de experiência e relação que se dá na vida do aluno é que é interessante trazer para a sala de aula e o futebol pode ser uma grande catalisador para se tratar assuntos da Geografia.

Mesmo que, conforme demonstra o gráfico 12, os alunos não falem todos os dias sobre futebol, de acordo com as respostas gerais do questionário esses mesmos alunos demonstraram que é algo presente em suas vidas, mesmo aqueles que responderam não buscar nenhum tipo de informação, por vezes conversam com amigos ou família sobre o assunto, nem que seja em época de Copa do Mundo, conforme relato de uma aluna.

3.4 Regionalização dos clubes de futebol das 4 divisões do futebol brasileiro e relação econômica com os estados

Dando continuidade aos objetivos específicos, a tabela 1 apresenta dados relativos a população, PIB (Produto Interno Bruto) e a quantidade de times representantes de cada região em cada divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Por meio da análise da relação existente entre esses aspectos é possível fazer algumas observações em relação ao futebol brasileiro e, conseqüentemente, estabelecer um modo de abordar esse tema em aulas de Geografia.

Por meio da Figura 1 é possível visualizar a localização dos clubes de cada uma das divisões. Essa Figura, em análise conjunta com a tabela, revela a real dimensão das diferenças representativas entre os clubes de cada região. Essas diferenças regionais ficam bastante claras quando avaliamos o Campeonato Brasileiro em suas 4 divisões. Na primeira divisão, temos 9 estados representados; na segunda divisão, 10 estados representados; na terceira divisão, 16 clubes e, na quarta divisão, todos os estados brasileiros são representados (Figura 2).

Tabela 1: Relação de clubes de cada região brasileira nas séries A, B, C e D.

Região	Pop. 2018 (Mi/hab)	Proporção	PIB 2015 (R\$)	Proporção	Serie A	Série B	Série C	Série D
Sul	29.754	14%	1.008.018	17%	5	7	3	9
Sudeste	87.711	42%	3.238.716	54%	11	5	6	15
Centro - Oeste	16.085	8%	579.745	10%	0	3	2	9
Nordeste	56.760	27%	848.532	14%	4	4	7	22
Norte	18.182	9%	320.773	5%	0	1	2	13
Total	208.494	100%	5.995.784	100%	20	20	20	68

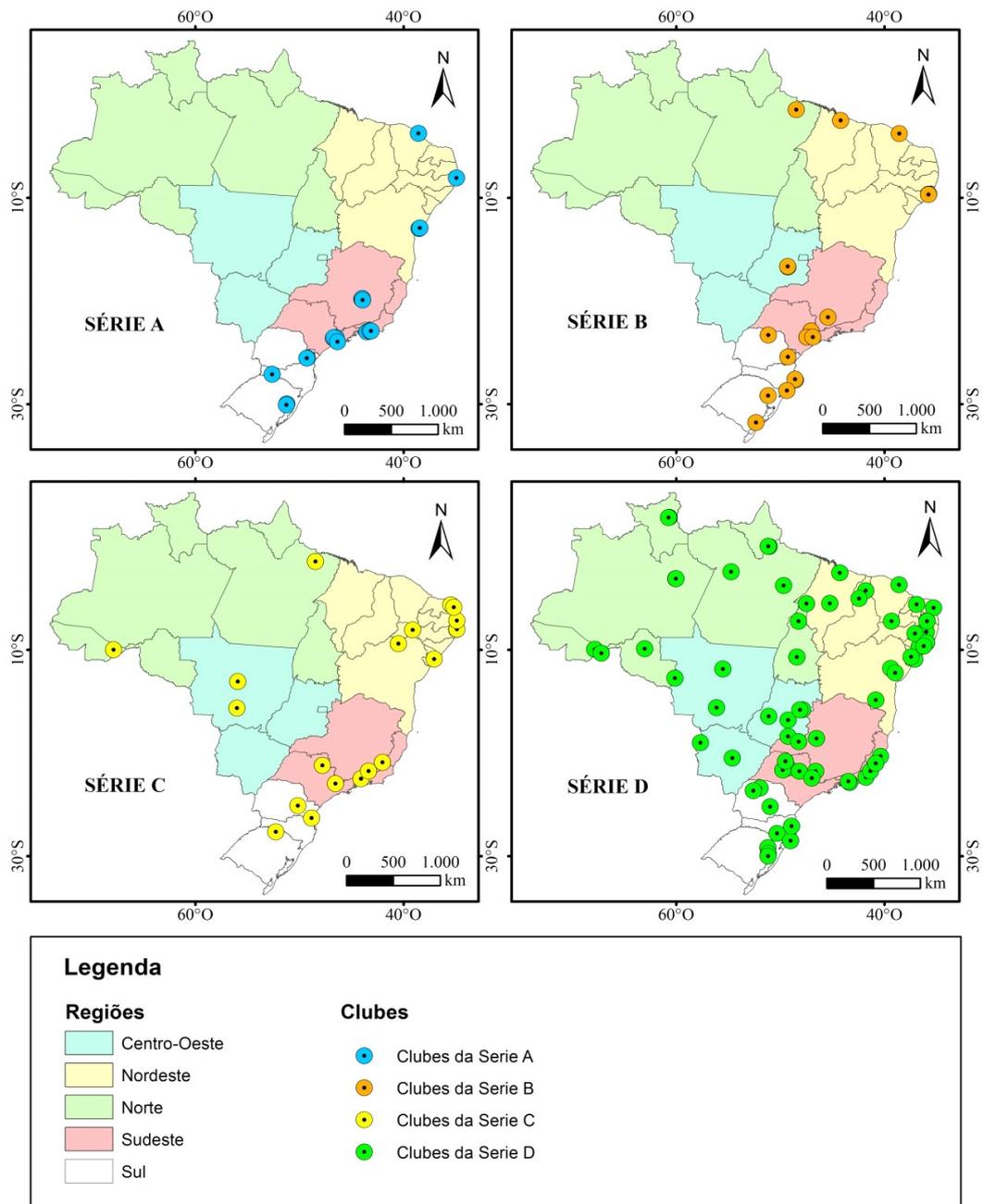


Figura 1 - Localização dos clubes de cada uma das divisões do Campeonato Brasileiro

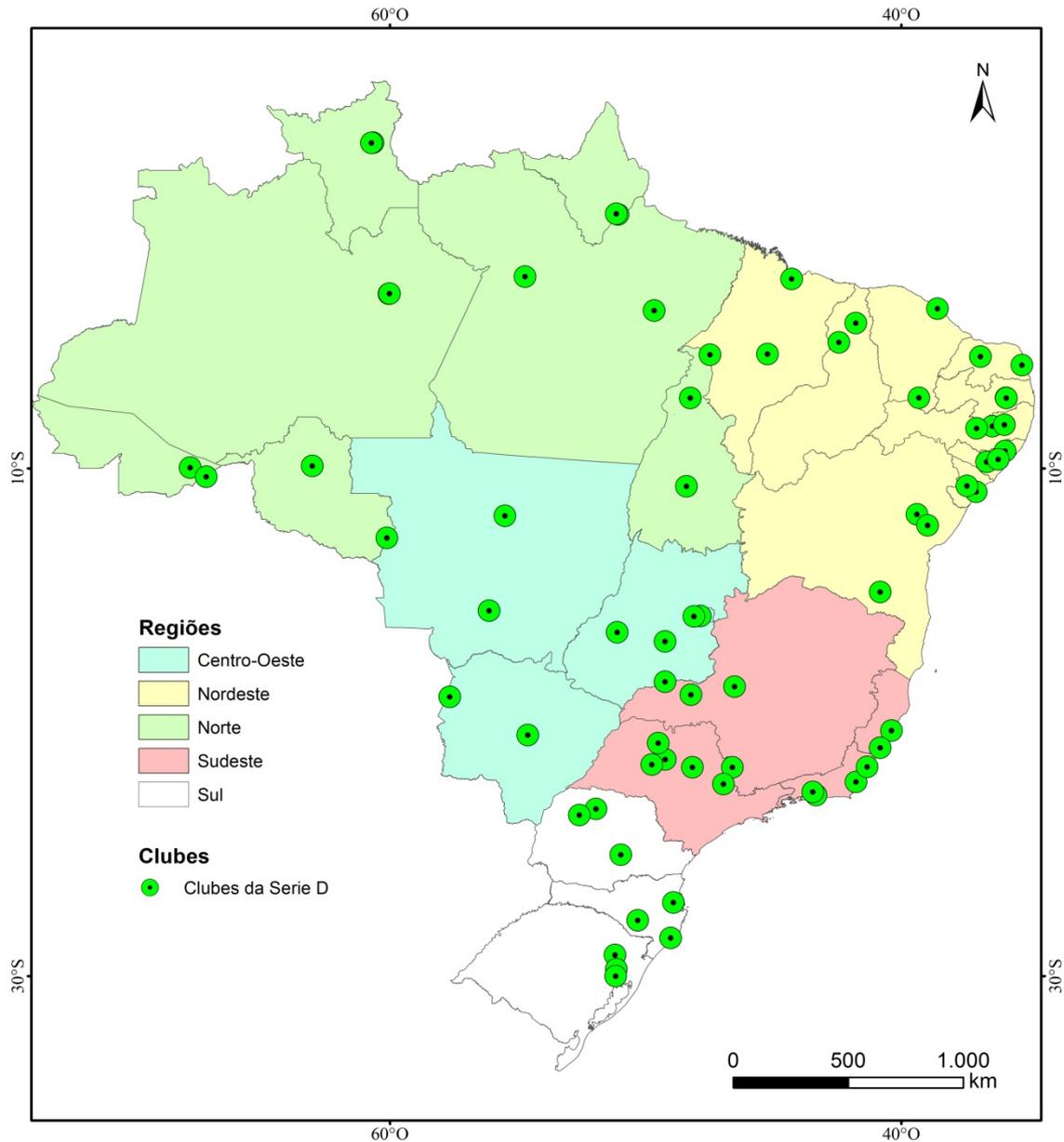


Figura 2 - Localização dos clubes da série D do Campeonato Brasileiro de 2018

De acordo com as informações da tabela 1, a região com maior população e também o maior PIB do Brasil é a região Sudeste, com mais de 3 trilhões de reais no ano de 2015. Esses valores são impulsionados pela capital do estado de São Paulo que, sozinho, correspondia, no ano de 2015, a 10,9% do PIB brasileiro. A região possui o equivalente a 21,7% do total da população brasileira.

No quesito PIB, a segunda região do país que se destaca nesse aspecto, de acordo com a tabela 1, é a região Sul, com um valor superior a 1 trilhão de reais. Ou seja, não é por acaso que essas duas regiões concentram, juntas, 16 dos 20 clubes do Campeonato Brasileiro da

Série A, ou seja, a principal divisão do futebol no país. Sendo que desses 16 clubes, 4 são do estado de São Paulo, 4 do estado do Rio de Janeiro, 3 do estado de Minas Gerais, 2 do estado do Paraná, 1 de Santa Catarina e 2 representantes do Rio Grande do Sul. Os outros 4 clubes que compõem a Série A são da região Nordeste, terceira região com maior PIB do Brasil.

As séries B, C e D são mais representativas em relação a quantidade de clubes de cada região. Conforme é possível perceber, de acordo com a tabela, embora a série B ainda tenha mais da metade dos clubes nessa divisão, nas séries C e D essa disparidade não é tão latente, pois, principalmente na série D, cada estado brasileiro tem, pelo menos, dois representantes nessa divisão, que são decididos por meio de torneios nos moldes definidos pelas federações estaduais, enquanto nas outras divisões, prevalece a regra de promoção (dos quatro primeiros colocados) e rebaixamento (dos quatro últimos).

As informações demonstradas na tabela 1, portanto, apresentam informações básicas sobre a relação entre futebol e os dados de população e o PIB de cada uma das cinco regiões brasileiras. Desse ponto até entrar na ciência geográfica, é preciso um olhar atento em relação ao que a tabela mostra além desses números. E qual a relação entre a tabela 1 com a desigualdade entre os clubes de futebol de cada região? Para responder essa pergunta, que poderia ser utilizada em uma aula de Geografia (seja para começar uma aula, seja para falar sobre desigualdade social no Brasil), é necessário retornar um pouco no tempo, para chegar nas raízes da desigualdade brasileira.

O crescimento econômico do Sudeste ao longo do século XX possui grande influência no fato dessa região possuir 11 dos 20 clubes da Série A. A relação do Sudeste enquanto centro financeiro do país segue nos dias de hoje. Diversas regiões no Brasil foram marcadas por diferentes ciclos econômicos (borracha no Norte, charqueadas no Sul, soja no Centro-Oeste...) mas a região Sudeste, desde o século XVIII, mantém uma posição de destaque no cenário econômico brasileiro.

São vários fatores que ajudam a compreender a Tabela 1. Logo na fundação de alguns clubes, esses já tinham empresas (caso do Bangu) ou ruralistas (a Ponte Preta, por exemplo, foi fundada por alguns cafeicultores) investindo dinheiro. Ou seja, o futebol brasileiro, especificamente, desde suas origens, sempre movimentou dinheiro, direta ou indiretamente.

No passado, esse dinheiro vinha da propaganda das próprias empresas ou mesmo dos ingressos cobrados. Como havia uma lacuna no quesito legislação, os jogadores só foram

ganhar dinheiro após a Lei Pelé (BRASIL, 1998), quando os jogadores passaram a ser donos do próprio passe.

Nem sempre o futebol movimentou cifras tão grandes quanto atualmente, mas já havia, no início do século XX, ainda nos primeiros clubes de futebol, "notórios privilégios" em fazer parte de um time. Caldas (1994) fala sobre a origem de alguns dos primeiros clubes brasileiros e sua relação com as elites e empresas. Conforme coloca o autor:

Os operários jogadores já não era apenas alguns trabalhadores a mais. Pelas circunstâncias e em face da crescente popularidade do futebol, eles seriam transformados também em um eficiente veículo de divulgação da empresa. Nas excursões que faziam para jogar em outras cidades, a presença de operários criava uma imagem simpática do time e, por extensão, da própria empresa junto ao público (CALDAS, 1994, p. 42).

Um exemplo de clube/empresa e que ainda se encontra em atividade é o Bangu Atlético Clube. A origem desse clube se deu dentro da Cia. Progresso Industrial do Brasil, no bairro de Bangu, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Se tratava de uma fábrica de tecidos localizada na periferia da cidade, em um bairro proletário. Dessa forma, visando formar um time apto a competir, a fábrica passaria a aceitar operários para completar as suas "esquadras". Segundo Caldas (1994), o critério de escolha seria o seguinte:

O critério de escolha, para isso, obedecia a algumas exigências administrativas na empresa, tais como: o desempenho profissional, o tempo de serviço e o comportamento pessoal. Surgiria, assim, o primeiro time de futebol brasileiro não inteiramente elitizado (...) O privilégio de ser escolhido criaria uma nova categoria profissional de operário que, a partir de agora, chamaremos de 'operário-jogador'. Eles formariam a elite operária do futebol (...). Com o tempo, o clube passaria a ser mais conhecido que a empresa, de forma que o Bangu passaria a ser um eficiente veículo de publicidade da companhia inglesa (CALDAS, 1994, p. 42 - 43).

Embora estejamos falando de épocas distintas, a relação é muito próxima da que ocorre hoje em relação ao patrocínio recebido pelos clubes por meio de grandes empresas, que podem atuar em diversos segmentos do mercado, como bancos, varejo, telecomunicações, confecção, enfim, diversos meios.

No momento que uma empresa estampa sua marca em uma camiseta, ela está querendo passar um recado, divulgar a sua marca. O ciclo vicioso se dá no momento em que esse patrocínio (que se dá pelo ato dessa empresa financiar alguma atividade em troca de propaganda ou outro benefício) possui valores muito diferentes de clube a clube e de região a região.

Os clubes do Sudeste são os que mais recebem dinheiros em patrocínios. Essa relação estará diretamente relacionada pela economia movimentada por esses estados e é uma das

explicações para que não existam clubes das regiões Norte e Centro-Oeste na série A do Campeonato Brasileiro de 2018.

Para o ano de 2019, por exemplo, a TV vai distribuir R\$ 1,1 Bilhão (40% de forma igualitária, 30% por desempenho e 30% por quantidade de partidas transmitidas), além de um valor de R\$ 650 Milhões por *pay-per-view*. Internacional e Grêmio, ambos da região Sul e na Série A, deverão receber cerca de R\$ 100 milhões cada. Flamengo, por exemplo, R\$ 327 milhões.

Para a Série B, a cota de patrocínio de 2018, paga pela Rede Globo aos clubes, foi de R\$ 169,70 Milhões, sendo que desse montante, o Curitiba ficou com R\$ 35 Milhões e o Goiás, com R\$ 26,250 Milhões, pois os clubes já tinham contrato em vigência com a Globo. Os demais times optaram por dividir igualmente os outros R\$ 108 Milhões (em votação apertada na CBF: 10 x 8), com pouco mais R\$ 6 Milhões para cada um. Ou seja, os times que menos recebem na Série A (América-MG, Ceará e Paraná) ganham quase 5 vezes mais que clubes da Série B.

As Séries C e D são deficitárias para a CBF, que arca com custos de arbitragens, viagens e logística. Para a série C em 2018 estava sendo discutida uma verba de TV no valor de R\$ 5 Milhões para ser dividido entre os clubes, pelo canal pago Esporte Interativo. Para 2019, ainda é incerto.

Em relação a Série D, a situação é ainda pior, pois não há verba de TV. Essa série, sem dúvida a mais representativa do futebol brasileiro, foi criada em 2008 mas, até 2013, a CBF somente se responsabilizava pelos gastos com arbitragens, fazendo com que diversos clubes desistissem de disputá-la. Essa situação mudou em pouco a partir de 2013, quando a CBF se comprometeu a custear os principais gastos, mas ainda assim, há clubes que titubeiam em participar dessa competição.

A Série D é a prova que, mesmo as regiões Sul e Sudeste, mais representativas na Série A com presença de clubes e títulos conquistados, possuem grande desigualdades. Esse fato é um destaque a ser trabalhado nas aulas de Geografia. Ou seja, uma mesmo país, um mesmo estado e uma mesma cidade, podem ter áreas com alta renda e, quase ao lado, áreas mais pobres.

Mesmo nessas duas regiões, há clubes que fecham as portas no segundo semestre do ano, pois não tem condições financeiras de se sustentar durante um ano inteiro. Jogar a série

D pode ser a única possibilidade de jogadores e técnicos não ficarem desempregados no segundo semestre do ano. Portanto, embora a Série D não tenha *status* e sofra com condições financeiras deficitárias, ainda é a única opção para milhares de jogadores.

Outro dado para ser discutido em sala de aula e que pode ser relacionado com a realidade dos alunos, diz respeito a uma pesquisa divulgada pela FIFPRO (Federação Internacional de Jogadores Profissionais de Futebol). Segundo o FIFPRO (2016), 83% dos jogadores de futebol brasileiros ganham menos de mil dólares por mês. Ou seja, a realidade dos clubes da Série A, e mais ainda dos grandes astros o futebol internacional, é muito diferente da maioria dos atletas profissionais.

Uma atividade de campo interessante, pensando nas aulas de Geografia, seria levar os alunos a um estádio de um time de bairro e conversar com os jogadores. A maioria das cidades costuma ter um time de futebol, mesmo que seja de futebol amador ou que não esteja nem na Série D, ou seja, é uma possibilidade de se estudar as desigualdades no mundo do futebol e relacionar com as desigualdades sociais existentes no local onde os alunos moram.

3.5 Raízes do futebol brasileiro e o campeonato Sul-Sudeste

O Brasil teve o início de sua ocupação pelos europeus ainda no século XV. No entanto, mais tarde, no final do século XVII, iniciava-se o ciclo do ouro no estado de Minas Gerais, ao mesmo tempo em que as plantações de cana-de-açúcar no Nordeste entravam em decadência. A partir desse momento, o Sudeste passa a ter uma maior importância financeira e também política, já que em 1763 a capital da colônia foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro.

A partir desse momento, o Sudeste brasileiro alcançaria um status financeiro e político que dura até hoje. A vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, se estabelecendo no Rio de Janeiro, foi um marco para as mudanças econômicas na região, tornando-se o centro financeiro do país. Essa relevância foi apoiada pela elite rural do Sudeste (crescente devido ao ciclo do café) e, já no século XX, pelo processo de industrialização desenvolvido, principalmente, no Governo Vargas.

No entanto, esses fatos históricos não querem dizer que todos os clubes da região Sudeste estejam bem financeiramente. A maior parte dos patrocínios são destinados quase que exclusivamente aos grandes clubes (membros da série A do Campeonato Brasileiro), o que dificulta que um outro clube, mesmo que consiga ascender a principal divisão do campeonato, se mantenha nessa divisão. E mesmo entre os clubes Série A, pertencentes as regiões Sul e Nordeste, tem dificuldades em ter êxito e se sagrarem campeões. Um dos motivos, novamente, tem a ver com a disparidade financeira.

Além da disparidade financeira, o interesse por clubes do Sudeste faz com que as cotas de patrocínio sejam maiores justamente para os clubes dessa região e o sistema se retroalimenta, ou seja, quanto mais dinheiro, maiores as chances de permanecer na principal divisão do Campeonato Brasileiro.

A população, maior que as outras regiões, também tem influência. Os dois maiores clubes do Brasil (em torcida) são Corinthians e Flamengo, ambos oriundos dessa região e com uma torcida que ultrapassa os limites regionais, tendo grande número de torcedores em todas as regiões do Brasil.

Em sala de aula, esse tema pode ter uma ligação com as desigualdades sociais das cidades e a meritocracia. Por exemplo: Um clube do interior do Maranhão dificilmente conseguirá atrair patrocínios e cotas de TV suficientes para mudar de patamar. Ou seja, não basta querer. Assim como uma pessoa oriunda de bairros em situação de vulnerabilidade social, não terá as mesmas condições de disputar um mercado de trabalho com aquela que teve a possibilidade de estudar nos melhores colégios e nunca teve problemas financeiros em casa.

No entanto, mesmo em bairros e cidades mais pobres, será possível ver marcas como Nike e Adidas e camisetas dos grandes clubes de futebol ao invés dos clubes de bairro. Assim como acontece no Nordeste que, mesmo tendo a segunda maior população do Brasil e uma inegável paixão por futebol, não consegue ter sucesso futebolístico com seus clubes (por sucesso, entenda-se o maior título em disputa no futebol brasileiro: a Série A do Campeonato Brasileiro).

A localização também colabora. Os clube da região Sudeste viajam consideravelmente menos que seus rivais da região Sul e da Região Nordeste. Em 2017, o Náutico, então na Série A, percorreu 97.152 km, o Bahia, 71.728 km e o Vitória, 70.962. Entre os clubes que

mais viajaram, encontram-se, também, Grêmio e Internacional. A média de viagem dos clubes brasileiros é de 59 mil quilômetros, quase cinco vezes maior que as equipes europeias, que possuem uma média de 12 mil quilômetros. Esses fatos corroboram o fato do Brasil ser considerado um país de proporções continentais e seria uma excelente maneira de abordar questões de escala nas aulas de Geografia.

Se tratando de futebol, a Série A do Campeonato Brasileiro é a maior competição organizada pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Os dados mostrados na tabela 1, mostram que 16 dos 20 representantes estão nas duas regiões com maior PIB do país.

Ampliando a análise representativa, quando se analisa os últimos clubes campeões da principal divisão do Campeonato Brasileiro, desde 2001, quando o Clube Atlético Paranaense saiu vencedor, somente clubes da região Sudeste sagraram-se campeões. A última vez que um clube da região Nordeste foi campeão, foi no ano de 1988, com o título do Esporte Clube Bahia. As regiões Norte e Centro-Oeste nunca tiveram um clube campeão.

Os clubes desenvolveram status ao longo de muitas décadas de história. A tradição de cada clube, de cada estado, de cada município, acompanha, por vezes, a construção da própria identidade dos locais onde esses clubes surgiram. É difícil, por exemplo, não ligar o município de Santos ao Santos Futebol Clube de Pelé.

No entanto, esse processo não aconteceu apenas no Sul e Sudeste, mas também em outras regiões do Brasil, como Norte e Nordeste por exemplo. Os clubes de Belém do Pará (Paysandu, hoje na Série B e Remo, hoje na Série C), tem uma rivalidade que remete a década de 1920, assim como acontecem em outras "praças" de mais destaque, como o clássico Grenal (disputado entre Grêmio e Internacional), em Porto Alegre, ou o Derbi paulista (disputado entre Corinthians e Palmeiras, e assim chamado em referência a ao termo em inglês Derby, que remete a corridas de cavalos puro sangue e foi adaptado ao futebol para se referir a um grande clássico).

O desenvolvimento do futebol brasileiro se deu de maneira descentralizada. Entre os anos de 1890 até os idos de 1920, centenas de clubes dedicados ao futebol foram fundados em diversos bairros, de diversas cidades brasileiras, em um Brasil ainda deixando de ser uma monarquia para se tornar uma república, e deixando de ser predominantemente rural para se urbanizar. Rivalidades, portanto, foram sendo desenhadas e criando raízes identitárias, por um

lado, ou ressaltando preconceitos, como no caso da Liga das Canelas Pretas (MASCARENHAS, 1990), por outro.

Um Campeonato com status de competição nacional foi surgir no ano de 1959: a Taça Brasil. A primeira edição, contou com 16 participantes, com os campeões paulista e carioca entrando nas semifinais. Ou seja, nesse momento, ainda eram poucos os estados participantes e clubes de Rio e São Paulo já gozavam de um relevante prestígio. No entanto, nesse primeiro torneio, o Bahia venceu a equipe do Santos na final. Esse viria se um dos dois únicos títulos do Nordeste (o outro seria vencido pelo próprio Bahia, em 1989).

Na última década, a disparidade entre as divisões do Campeonato Brasileiro aumentou. Prova disso, é que entre 2012 e 2018, praticamente duplicou os ganhos de premiação do Campeão brasileiro (Tabela 2). Mas mais relevante que as premiações as cotas de TV atingiram não apenas valores extremamente altos, como desproporcionais entre os próprios clubes da Série A (Tabela 3).

Tabela 2: Relação da premiação para campeão e vice da Série A do Campeonato Brasileiro de 2007 - 2018. Fonte: ZIRPOLI, C. (2015)

Premiação da Série A		
Ano	Campeão	Vice
2018	R\$ 18,6 Milhões	R\$ 11,5 Milhões
2017	R\$ 18 Milhões	R\$ 11,3 Milhões
2016	R\$ 17 Milhões	R\$ 10,7 Milhões
2015	R\$ 10 Milhões	R\$ 6,3 Milhões
2014	R\$ 9,0 Milhões	R\$ 6,0 Milhões
2013	R\$ 9,0 Milhões	R\$ 6,0 Milhões
2012	R\$ 9,0 Milhões	R\$ 6,0 Milhões
2011	R\$ 8,0 Milhões	R\$ 4,0 Milhões
2010	R\$ 8,0 Milhões	R\$ 5,0 Milhões
2009	R\$ 5,0 Milhões	R\$ 4,0 Milhões
2008	R\$ 1,5 Milhão	-
2007	R\$ 1,5 Milhão	-

A premiação da primeira divisão do Campeonato Brasileiro ganhou um aumento substancial a partir do ano de 2016, quando a CBF firmou um novo acordo de transmissão de TV com a Rede Globo. Em 2015, por exemplo, o valor total de prêmios era de R\$ 35,8 milhões. Em 2016, esse valor deu um salto para R\$ 60 milhões.

No caso da Série A há uma premiação para 16 clubes, além do acesso a torneio Sul-americanos. No ano de 2016, por exemplo, o 16º colocado faturou R\$ 700 mil; em 2017. Cabe ressaltar que esses valores se referem apenas a premiação, o grosso do valor dos clubes, além da premiação, vem das negociações que os próprios clubes fazem em relação aos direitos televisivos (Tabela 3). Essa é um das principais fontes de renda dos clubes da série A e um dos grandes responsáveis pelas desigualdades econômicas dentro da própria Série A.

Tabela 3: Relação das Cotas de TV para cada clube da Série A do Campeonato Brasileiro de 2018. Fonte: ZIRPOLI, C. (2017)

Verbas de TV			Verbas de TV		
Grupo	Clubes	Valores	Grupo	Clubes	Valores
1	Corinthians	R\$ 170 Milhões	4	Atlético-MG	R\$ 60 Milhões
1	Flamengo	R\$ 170 Milhões	4	Botafogo	R\$ 60 Milhões
2	São Paulo	R\$ 110 Milhões	5	Bahia	R\$ 35 Milhões
3	Palmeiras	R\$ 100 Milhões	5	Atlético-MG	R\$ 35 Milhões
3	Vasco	R\$ 100 Milhões	5	Sport	R\$ 35 Milhões
4	Santos	R\$ 80 Milhões	5	Vitória	R\$ 35 Milhões
4	Grêmio	R\$ 60 Milhões	6	Chapecoense	R\$ 32 Milhões
4	Inter	R\$ 60 Milhões	7	América-MG	R\$ 28 Milhões
4	Fluminense	R\$ 60 Milhões	7	Ceará	R\$ 28 Milhões
4	Cruzeiro	R\$ 60 Milhões	7	Paraná	R\$ 28 Milhões

Todos esses dados e essas tabelas podem ser utilizados para ressaltar como o futebol também é uma mercadoria, um negócio, e como essa paixão pode ser explorada comercialmente. As desigualdades também podem ser tratadas por meio desses dados, já que, dificilmente, uma time que ascenda das divisões inferiores terá condições de igualdade para lutar com clubes muito mais ricos.

Teoricamente, no início de uma competição, todas as equipes parte com a mesma pontuação, ou seja, teriam condições iguais de luta pelo título. As tabelas 1 e 2 nos mostram que essa não é a realidade. Podemos traçar um paralelo com a nossa sociedade com base nesses dados. Em uma escola, por exemplo, cada aluno terá vindo de uma realidade diferente. Será que todos estarão em condições de igualdade? Em um vestibular, por exemplo, todos tiveram as mesmas condições de se preparar? Ou será que um aluno que fez um pré-vestibular e estudou nas melhores (e mais caras) escolas terá maiores chances de conquistar uma vaga?

Essas realidade podem ser comparadas com os clubes de futebol, já que um clube que possua um orçamento previsto, só de verbas de TV, de 170 milhões de reais, terá condições mais favoráveis do que aquele clube que tem um orçamento de 28 milhões de reais. Esse exemplo ainda é relativo a primeira divisão do Campeonato Brasileiro, já que alguns clubes da Série D, como citado anteriormente, possuem um orçamento de menos de 100 mil reais (VIEIRA, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALÉM DAS EXPECTATIVAS

Quando uma pesquisa é iniciada não há como saber para quais caminhos os resultados vão nos levar. O mesmo esporte que, para alguns, pode ser o que há de mais importante na vida, conforme resposta de um dos alunos pesquisados, para outros se trata de algo completamente irrelevante.

Para mim, o futebol foi de grande relevância na infância e permanece sendo uma parte importante da vida adulta. No entanto, mais que um *hobbie*, as possibilidades de se utilizar as nuances desse esporte como gatilho para as aulas de Geografia, tanto do Ensino Fundamental, quanto do Ensino Médio, satisfaz duas paixões: o ensinar e o trato com o futebol.

Esse trabalho partiu da utilização do futebol como pretexto para ensinar Geografia, considerando os interesses do aluno por esse esporte, o que, como se viu nos questionários, nem sempre é uma premissa, tendo em vista que alguns alunos não tem interesse por esse esporte. No entanto, o assunto me atrai, e buscar elos com a Geografia foi uma das motivações desses escritos.

À utilização de algo relevante para a sociedade, que frequentemente tem largo espaço nos meios de comunicação, independente do gosto de cada um, pode ser considerado válido para tornar as relações local/global mais próximas dos alunos. De acordo com o resultados dos questionários, mesmo alunos que responderam não ter interesse por futebol, afirmaram torcer para algum time ou conversar sobre o assunto com amigos ou família.

O futebol, apesar de ser um esporte que envolve muito dinheiro é um realidade em nossa cotidianidade. Ou seja, conceitos como globalização, desigualdade social e desigualdade econômica, podem ser relacionados com a realidade dos alunos e com a realidade dos jogadores de futebol e dos clubes.

Os alunos não chegam a uma sala de aula como uma folha em branco. Já chegam com os seus saberes. De forma que o professor pode possibilitar que o aluno use o conhecimento que tem como base para demonstrar como o que ele aprendeu fora da sala de aula pode servir como base para a aula de Geografia, nesse sentido apontamos várias possibilidades.

Segundo Catrogiovanni (2010), a vida fora da escola é cheia de mistérios e emoções. Com base nessa afirmação, não é possível acreditar que a escola se estabeleça como um mundo

paralelo que nada tem a ver com a sociedade. O futebol, independente do gosto de cada um, faz parte da cultura em que estamos inseridos. De modo que deve fazer parte do trabalho do professor aproximar a realidade vivida pelos estudantes daquilo que está pautado para ser estudado (COSTA, 2010).

Esse estudo me permitiu ir muito além do que eu esperava. Se no título do trabalho encontrava-se a frase "além das 4 linhas", para o encaminhamento final cabe a frase: além das expectativas". Pois, ao pensar o futebol com um olhar geográfico, eu próprio mudei o meu olhar sobre esse esporte, não exatamente no quesito "paixão", mas na visão do futebol enquanto reflexo de uma sociedade desigual.

Essa sociedade pode e deve ser discutida em sala de aula. A partir da pesquisa realizada com um grupo de alunos e a experiência docente que tive na realização de meus estágios, em Ensino Fundamental e Médio, ao longo do ano 2018, pude entender que, mesmo que os alunos não gostem de determinado assunto, quando o professor é sincero, eles compram a ideia, ou seja, tornam-se participativos.

Atualmente, consigo visualizar uma série de possibilidades de trabalhar futebol e Geografia e espero que esse trabalho influencie outros professores. Entre as mudanças que esse trabalho provocou em mim, acho que nunca mais vou conseguir olhar uma partida de futebol sem pensar além das 4 linhas, e em como abordar o que estou vendo com os alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, W.J. The Making of a Working-Class Football Culture in Victorian England. **Journal of Social History**, v. 13, n. 2, p. 241-251, 1979.
- BARROS, C.; AFUNE, G. **Estádio só para rico?** Disponível em: <<https://apublica.org/2013/08/ingressos-disparam-nos-ultimos-dez-anos-brasil-novas-arenas-tem-precos-maiores-os-estadios-antigos-afastando-os-torcedores-tradicionais/>>. Acesso em 05 de dezembro de 2012.
- BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. **Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências.** Brasília,DF, mar 1998.
- BREITKREITZ, L.A. A ditadura e o futebol na América do Sul: a construção de um imaginário coletivo através das Copas do Mundo de 1970 e 1978. **Revista Semina**, v. 11, n.1, pag. 1-13, 2012.
- BUCHMANN, E. **Quando o futebol andava de trem: memória dos times ferroviários brasileiros.** Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.
- CALLAI, H.C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A.C.(Organizador), CALLAI, H.C.; KAERCHER, N.A. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano.** Ed. Mediação, 12ª edição, Porto Alegre, 144 p., 2010.
- CALLAI, H.C. **A Geografia no Ensino Médio.** Ed. Terra Livre, p. 60 - 99, 2015.
- CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do Futebol Brasileiro. **Revista USP (Dossiê futebol)**. n.22, p. 41-49, 1994.
- CALDAS, W. O futebol no país do futebol. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, v. 3, n. 2, São Paulo, p. 24-30, 1986.
- CAMPOS, I.C. Geografizando o futebol: do global ao local. **Revista Holos**, Ano 29, v 3, p. 213 - 231, 2013.
- CAVALCANTI, E.A.; CAPRARO, A.M. Racismo no Futebol Sul-Americano: o caso Grafite *versus* Desábato. **Revista Motriz**, Rio Claro, v.15 n.4 p.741-748, 2009.
- COSTA, F.A.V. **Por que remar contra a corrente? Motivações e expectativas profissionais dos estudantes de licenciatura em Geografia da UFRGS.** Monografia (Bacharel em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 43p., 2010.
- FAVERO, P.M. **Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol.** Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 118 p, 2009.

FERREIRA, R. P. **Futebol e Ferrovia: o trem da industrialização que parte para o interior**. Monografia (Bacharel em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, 48p., 2008.

FERREIRA, F.C. Futebol de Classe: a importância dos times de fábrica nos primeiros anos do século XX. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, vol. 90. 2005

FIFPRO. Global Employment Report: Working Conditions in Professional Football. Disponível em: <https://footballmap.fifpro.org/assets/2016_FIFPRO_GLOBAL_EMPLOYMENT_REPORT.pdf>. Acesso em: 30 de novembro de 2018.

FUTDADOS. **Campeonatos brasileiros: médias de público**. Disponível em: <<http://futdados.com/campeonatos-brasileiros-medias-de-publico/>>. Acesso em 05 de dezembro de 2018.

GALEANO, E. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Tradução: NEPOMUCENO, Eric; BRITO, Maria do Carmo; FARACO, Sérgio; SSÓ, Ernani. Porto Alegre, L&PM, 2004.

GIULIANOTTI, R.; ROBERTSON, R. Globalization and football. London: Sage Publications, 199 p., 2009.

HIRATA, E. **Futebol e Globalização: Perspectivas Históricas**. *Revista Digital EFDeportes.com*. Buenos Aires, Ano 19, nº 196, 2014.

HOBBSAWN, E. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre a história operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 262. 1987.

HOBBSAWN, E. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: ed. Paz e Terra, 219 p., 1990.

HOLGADO, F.L.; TONINI, I.V. **O futebol nas aulas do Ensino Fundamental**. *Revista de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia Florianópolis*, v. 1, n. 1, out. 2014.

INSTITUTO DATA FOLHA. Futebol e Copa do Mundo. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/futebol/segundo-datafolha-torcida-do-flamengo-continua-maior-do-brasil/>> Acesso em: 03 de dezembro de 2018.

JESUS, G.M. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma Geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Geografia) USP. 268 p. 2001.

KAERCHER, N. A. A Geografia escolar: gigante de pés de barro comendo pastel de vento num fast food? **Revista Terra Livre**, Ano 23, v. 1, n.28, p. 27-44, 2007.

MASCARENHAS, G. **À Geografia dos Esportes. Uma introdução**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, nº 35, 1 de março de 1999a. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-35.htm>>. Acessado em: 13 jun. de 2011.

MASCARENHAS, G. O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Revista Anos 90**, v.7, n.11, p. 144-152, 1999.

RIBASCIK, F. **Cadeia produtiva do futebol gaúcho**. TCC (Monografia). Bacharel em Ciências da Informação, UFRGS., Porto Alegre. 97 p. 2013.

RODRIGUES, L. **Por que sou gremista?** Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach/2010/11/3899/7/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2018.

SANTOS, J.M.C.M. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915 - 1934)**. Tese (Doutorado). USP. 501 p. 2010.

SANTOS, T.C. Globalização, Mundialização e Esporte: O Futebol como Megaevento. In.: *ALBARCES, P. (Compilador). Peligro de Gol: Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales)*. Buenos Aires, Argentina, p. 57 - 74, 2000.

SANTOS, I.S.C.S. **“O público que devemos abolir”**: a elitização do futebol brasileiro e as **novas Arenas**. Monografia (Bacharel em Comunicação Social), Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, 92 f., 2014.

TIESLER, N.C.; COELHO, J.N. **O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica**. Revista Análise Social, 2006.

VIEIRA, C. **Na Série D, Brusque terá orçamento 50% menor do que no Catarinense**. Jornal O Município, 2017. Disponível em: <<https://omunicipio.com.br/na-serie-d-brusque-tera-orcamento-50-menor-do-que-no-catarinense/>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2018.

ZIRPOLI, C. **A premiação oficial do Campeonato Brasileiro, do campeão ao 16º lugar**. Disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2015/11/04/a-premiacao-oficial-do-campeonato-brasileiro-do-campeao-ao-16o-lugar/>>. Acesso em 14 de novembro de 2018.

ZIRPOLI, C. **A distribuição das cotas de televisão na Série A 2018, com bolo de R\$ 1,3 bilhão**. Disponível em:

<<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2017/12/04/a-distribuicao-das-cotas-de-televisao-na-serie-a-2018-com-bolo-de-r-13-bilhao/>>. Acesso em 14 de novembro de 2018>.